



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL**

**MARIA DULCE BANDEIRA DE SOUSA LEAL**

**O TOMBO DO TENENTE: um estudo de caso sobre o assassinato de Cleto Campelo e suas representações na cidade de Gravatá-PE (1921-1930)**

**RECIFE – PE**

**2023**

MARIA DULCE BANDEIRA DE SOUSA LEAL

O TOMBO DO TENENTE: um estudo de caso sobre o assassinato de Cleto Campelo e suas representações na cidade de Gravatá-PE (1921-1930)

Relatório final de pesquisa para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História

Orientador: Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim

RECIFE – PE

2023

L435t Leal, Maria Dulce Bandeira de Sousa.  
O Tombo do tenente : um estudo de caso sobre o assassinato de Cleto Campelo e suas representações na cidade de Gravatá-PE (1921-1930) / Maria Dulce Bandeira de Sousa Leal, 2023.  
49 f. : il.

Orientador: Helder Remigio de Amorim.  
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História. Mestrado Profissional em História, 2023.

1. Pernambuco - História. 2. Gravatá (PE) - História.
3. Brasil – História - Tenentismo, 1922-1934.
4. Campelo, Cleto, 1898-1926. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

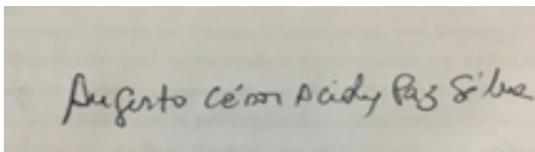
MARIA DULCE BANDEIRA DE SOUSA LEAL

O TOMBO DO TENENTE: um estudo de caso sobre o assassinato de Cleto Campelo e suas representações na cidade de Gravatá-PE (1921-1930)



---

Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim - UNICAP  
Orientador



---

Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva – AESA  
Avaliador externo



---

Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar - UNICAP  
Avaliador interno

Recife, 11 de outubro de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Universidade Católica de Pernambuco e ao Programa de Pós-graduação em História pelo oferecimento do Mestrado Profissional, com acolhimento aos discentes, prezando pelo esmero e alto nível, tanto nas aulas, como nas oportunidades de integração com outras instituições.

Com muito carinho, quero agradecer ao Prof. Helder Remigio, mais que um doutor em História, é uma excelência no trato humano, na empatia, na solidariedade, no cuidado com o outro, enfim, um ser humano extraordinário, meu orientador! Pacientemente, vem me ajudando a construir este trabalho, e muito mais do que isso, mostrou-me que o Mestrado em minha vida poderia ser o divisor de águas, e que havia chegado no momento certo. Obrigada, pela disponibilidade de sempre e, pelas orientações que levarei para a vida, com a certeza que tenho muito a aprimorar.

Ao Prof. Dr. Augusto Silva (AESA) e ao Prof. Dr. Tiago Cesar, por aceitarem participar da minha banca de defesa. Aos demais docentes da Unicap, em especial aos que me acompanharam nas disciplinas: a Prof. Dra. Lídia Santos e os Professores Doutores Walter Amaral, Paulo Cadena e Flávio Gomes - um agradecimento bem acalorado, pela divisão prazerosa de saberes, nos deixando sempre com uma curiosidade aguçada por novas buscas.

Aos colegas que conheci pelo caminho do mestrado, alguns, só virtualmente, com os quais aprendi muito nos debates em sala, com suas vivências e experiências acadêmicas e de vida - a diversidade de temáticas só nos incentivava a querer conhecer sobre o trabalho do outro, e nos tornarmos melhores historiadores, além disso, melhores seres humanos.

Por último, e não por ser menos importante, pelo contrário, mas por deixar a emoção aflorar e sair do protocolo, quero agradecer a Deus por me permitir chegar até aqui, momento tão desafiador na minha vida, sempre ao lado da minha família, berço, aconchego, pessoas especiais demais para mim. Minha filha, Maria Fernanda, sempre presente na minha vida, uma vibradora e incentivadora desde o início, primeiro, para que eu iniciasse o mestrado, e depois, mesmo com todos os percalços, para que eu continuasse, pois já notava a mudança nos “pré-conceitos”, ou seja, a desconstrução de muitos já arraigados em nossas mentes. E agora, na execução e finalização do produto, teve participação ativa, deixando muitas vezes os seus afazeres para me socorrer, sendo a melhor designer gráfica que poderia ter escolhido.

Maria Luísa (*in memoriam*), filha ausente há onze anos, mas, impressionantemente, consegue estar presente em todos os momentos da minha vida, habitando a todo tempo no meu pensamento e, apesar da saudade, contagia-me com sua alegria, sem dar margens à tristeza. Ao meu marido, Ozano Brito, que entendeu a importância do mestrado para mim, e compreendeu que era necessário, muitas vezes, ausentar-me das programações. À minha enteada, Mariana Valença que além de mãe do meu neto Bernardo, é doutora em Geografia, por estar sempre a postos a me auxiliar com indicações de leituras, empréstimos de livros e, principalmente, com trocas de ideias valorosas.

Por fim, à minha mãe Teresa Cristina, que achava todos os artigos maravilhosos, bem escritos, pois, foram lidos com olhar/coração de mãe, não conta muito para o mestrado, mas valeu para minha vida. À minha irmã, Ana Guerra, ao meu irmão, Luiz Neto, ao cunhado, à cunhada, sobrinha, sobrinhos e afins, que estão sempre comigo, vivendo e vibrando por cada conquista como se fosse deles. E, de uma forma bem especial, ao meu pai, Romeu Leal (*in memoriam*), e a minha vizinha, Dulcinha Cordeiro (*in memoriam*), que nos deixaram durante o segundo ano do mestrado, dando mais um abalo na trajetória deste trabalho, mas, sempre foram (e serão) força e inspiração para mim.

“Na vida real não lidamos com deuses, mas com humanos tão comuns quanto nós mesmos. São homens e mulheres cheios de contradições, que são estáveis e inconstantes, fortes e fracos, famosos e infames” (Nelson Mandela, *In: Conversas que tive comigo mesmo*, 2010).

## RESUMO

O presente trabalho analisa o assassinato do tenente Cleto Campelo, ocorrido em 1926, na cidade de Gravatá-PE, tendo em vista a presença que, até hoje, “o tombo do tenente” tem na memória da cidade. Assim, foi realizado um estudo de caso sobre o crime, considerando seus antecedentes, bem como sua repercussão. Para se chegar ao resultado apresentado neste relatório, utilizamos documentos como recortes de jornais, artigos, dissertações, livros, e ainda alguns *blogs* referentes ao caso estudado. Vale ressaltar que houve um diálogo com teóricos da história, a exemplo de Carlo Ginzburg, que com seu Paradigma indiciário nos deu margem a investigar o crime supracitado a partir de indícios; Tânia Regina de Luca, com sua “história dos, nos e por meio dos periódicos”, nos despertou para inferências sobre como o evento foi disseminado pela imprensa; Roger Chartier nos possibilitou entender as representações de mundo como construções sociais projetadas por indivíduos e grupos, e Boris Kossoy que nos abalizou para melhor refletirmos sobre as imagens fotográficas que retrataram o contexto tenentista. Para além dos teóricos, houve um cruzamento de informações das fontes primárias com o trabalho de intelectuais que versam tanto sobre o “tenentismo”, quanto sobre a história de Pernambuco na década de 1920. Como resultado da pesquisa foi elaborado um *e-book* ilustrado, voltado aos alunos do 9º ano do ensino fundamental das escolas municipais de Gravatá/PE.

**Palavras-chave:** Cleto Campelo; Gravatá/PE; tenentismo; história de Pernambuco.

## ABSTRACT

This study analyzes the murder of Lieutenant Cleto Campelo, which occurred in 1926 in Gravatá-PE, given the lasting impact that "the fall of the lieutenant" has on the city's memory. Thus, a case study was conducted on the crime, considering its background and its repercussions. To achieve the results presented in this report, various documents were utilized, such as newspaper clippings, articles, dissertations, books, and relevant blogs related to the case under study. It is noteworthy that dialogues were held with historians and theorists, including Carlo Ginzburg, who, with his Evidential Paradigm, provided us with the framework to investigate the aforementioned crime based on evidence; Tânia Regina de Luca, with her "history of, in, and through the press" prompted us to make inferences about how the event was disseminated by the media; Roger Chartier, who enabled us to understand the representations of the world as social constructions designed by individuals and groups; and Boris Kossoy, who guided us to better reflect on the photographic images that portrayed the tenentista context. In addition to these theorists, information from primary sources was cross-referenced with the work of intellectuals who delve into both "*tenentismo*" and the history of Pernambuco in the 1920s. As a result of this research, an illustrated e-book was developed, targeting 9th-grade students in municipal schools in Gravatá/PE.

**Keywords:** Cleto Campelo; Gravatá/PE; tenentismo; history of Pernambuco.

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2- DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 - O Tenentismo no Brasil: breve explanação.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 - Cleto Campelo: dados biográficos, itinerário e imprensa.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 - Assassinato de Cleto Campelo.....</b>	<b>31</b>
<b>3 - DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO .....</b>	<b>36</b>
<b>4- APRESENTAÇÃO DO PRODUTO .....</b>	<b>36</b>
<b>5 - APLICAÇÃO DO PRODUTO .....</b>	<b>40</b>
<b>6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>7 – LISTAGEM DE ACERVOS E FONTES.....</b>	<b>43</b>
<b>8 - REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>9 - ANEXOS .....</b>	<b>46</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este relatório sistematiza estudos realizados no Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), inserida na linha de pesquisa: “Relações de poder, políticas e instituições”, e traz como tema o movimento tenentista de uma forma geral e, mais especificamente, como esse movimento se desenvolveu no estado de Pernambuco, apontando para a participação do tenente Cleto Campelo. O recorte temporal compreende o período entre 1921 e 1930. Nesse ínterim, pudemos notar que a década de vinte, com seus diversos levantes contra à ordem vigente vieram à tona, em um deles, ocorrido em 1926, também chamado de se “Levante de Cleto” culminou com o assassinado do tenente Cleto Campelo.

A repercussão desse crime e suas representações na cidade de Gravatá/PE<sup>1</sup>, apesar do governo federal e estadual tentarem não dar destaque ao acontecimento, ficou latente e, com a revolução de 1930 o personagem ganhou visibilidade, vieram as homenagens. Uma das mais simbólicas é trazida por Alberto Frederico Lins Caldas (1978, p. 101) quando afirma que após a culminância da nova ordem estabelecida em 1930, Cleto Campelo Filho saíria oficialmente da clandestinidade, sendo não só reintegrado ao Exército como promovido a “capitão *post-mortem*”. O orgulho em torno de sua figura saíria da caserna e estamparia o nome do tenente Cleto Campelo em ruas e escolas públicas de vários municípios do país, o que reverbera até os nossos dias, além de também ser citado no hino de Gravatá, como ‘vulto da história’, tornando Gravatá ‘imortal’.

Ainda em relação aos anos 1920, isto é, logo após a Primeira Guerra Mundial, é notório que a situação da população mais carente estava bastante delicada; muitos brasileiros eram submetidos a parcas condições de trabalho – ou a ausência dele, bem como outros problemas estruturais. No Exército, também existiam dificuldades: faltavam armamentos, cavalos, medicamentos, instrução para a tropa, entre outras coisas. Essa situação afetava particularmente os tenentes. Foi nesse quadro de crescente insatisfação, com as condições do Exército e com a política do governo, que eclodiram diversos levantes militares. A presença

---

<sup>1</sup> A cidade de Gravatá está localizada no agreste pernambucano a 85 km de distância da capital (Recife). Etimologicamente deriva de “caranhetá”, “caraváatã”, “karagwa’ta”, termos que trazem em sua essência, rigidez, dureza. Conhecida outrora como estrada de bois, devido a pecuária reinante na região no período colonial, elevou-se à vila em 1881, tornou-se município autônomo em 1893. Atualmente, a simpática cidade destaca-se como centro turístico e de produção de móveis em madeira (CONDEPE/FIDEM, 2023, p. 1-2).

significativa de tenentes na condução desses movimentos deu origem ao termo "tenentismo" (CPDOC, 2021, [s.p.]).

Tendo como foco específico as feições que o tenentismo assumiu em Pernambuco, é possível observar, que esta temática carece ainda de uma maior incursão do ponto de vista de pesquisas a respeito. A nós coube observar com mais acuidade uma insurgência a qual Cleto Campelo se vinculou e que terminou por liderar.

Cleto, um jovem militar que em meados dos anos 1920 servia na jurisdição da 6ª Região Militar<sup>2</sup>, sediada em Recife, oriundo da classe média, estudioso, destacava-se entre os companheiros pelo seu perfil de liderança e uma perfeita oratória. Assim desde a mais tenra idade foi, desde a escola, costumeiramente escolhido como orador dos grupos que participava, o que o possibilitou a visualizar de forma crescente o poder de seu discurso nos movimentos sociais e políticos. Escolheu, como muitos jovens da classe média, as forças armadas como o caminho para estudar e ter uma formação.

Afirma Lins Caldas (1978, p. 34), que Cleto Campelo teria uma personalidade e um preparo intelectual na moldura do seu tempo. Assim, entendemos ter se tornado uma pessoa politizada, não aceitando os desmandos que ocorriam dentro dos quartéis, principalmente, as de ordem oligárquica local, onde ressoavam as regras da família Pessoa de Queiroz, sobrinhos do Presidente da República, à época, Epiácio Pessoa<sup>3</sup>. As querelas entre os militares e Epiácio, tiveram suas repercussões em Pernambuco, inclusive, Cleto tornou-se *persona non grata* para os sobrinhos do "Tio Pita", estes, ordenavam que superiores do Exército, indicados ou com a chancela da referida família, transferissem para outras regiões do país, como forma de represália, os antigovernistas, dentre eles, destacava-se o tenente Cleto Campelo.

Numa dessas transferências/punições, Cleto passou de oponente a colaborador da Coluna Prestes<sup>4</sup>. Tal Coluna possuía um manifesto, intitulado "Motivos e ideais da

---

<sup>2</sup> - Esclarecimento aos pesquisadores: A 6ª. Região Militar passou a ser nomeada de 7ª Região Militar no ano de 1926, logo em alguns documentos essa terminologia pode oscilar.

<sup>3</sup> Epiácio Lindolfo da Silva Pessoa nasceu em Umbuzeiro (PB) no dia 23 de maio de 1865, filho do coronel da Guarda Nacional e senhor de engenho José da Silva Pessoa e de sua segunda mulher, Henriqueta Barbosa de Lucena, ambos descendentes de proprietários rurais pernambucanos. Foi presidente da República entre os anos de 1919 a 1922, quando sucedido por Artur Bernardes. Seus sobrinhos, os Pessoa de Queiroz, os apoiavam quanto a repressão aos militares descontentes com seu governo; Cleto Campelo foi um desses que sofreram retaliações. Destaquemos aqui a figura de um dos sobrinhos do "Tio Pita" - alcunha dada a Epiácio presente em Souza Barros (1972, p. 94), o Sr. Francisco Pessoa de Queiroz (1890-1980), fundador do Grupo Jornal do Commercio.

<sup>4</sup> Movimento revolucionário também chamado Coluna Miguel Costa-Prestes, que, sob a liderança dos "tenentes" Miguel Costa e Luís Carlos Prestes, empreendeu longa marcha por vários estados do país, entre abril de 1925 e fevereiro de 1927.

revolução”, onde seus integrantes se colocavam contra os impostos exorbitantes, desonestidade administrativa, falta de justiça, mentira do voto, amordaçamento da imprensa, perseguições políticas, desrespeito à autonomia dos estados, entre outros (CPDOC, 2023, [s.p.]).

Entre a concordância de Cleto Campelo com o manifesto e sua morte, foram poucos dias; após sua adesão à Coluna, o Comando revolucionário tomou uma séria e grave decisão, ou seja, para que a revolução não acabasse, seria necessário que os estados do norte do país fossem agitados, cuja finalidade era manter a chama revolucionária, e ao mesmo tempo, fazer com que engrossassem os contingentes da rebeldia Assim, foi dada a ordem para que cada integrante escolhido e aprovado por eles, voltasse à terra natal, e Cleto voltou a Pernambuco, clandestinamente, inclusive, sendo até foguista de embarcações<sup>5</sup>, até a cidade de Maceió, e de lá para o Recife, como servente de estrada de ferro (Campello, 2004, p. 25).

Chegando em Recife, mobilizou-se como pôde e foi se juntar a Coluna Prestes que estava pelo interior do Brasil, em pleno carnaval de 1926; já no fechar da noite de uma Quarta-Feira de Cinzas, iniciaram-se os preparativos para uma intentona. Cleto partiu da estação de trem de Jaboatão dos Guararapes/PE, com um pequeno grupo de pessoas, e passando pelas cidades que ficavam às margens das estações do trem, tentava cooptar mais simpatizantes pela causa, tendo em vista sua oratória e carisma, o que de fato conseguiu: em poucas horas arregimentou quase oito vezes o contingente entre o trecho Jaboatão – Gravatá, passando assim de 11 para 80 combatentes (Lins Caldas, p. 58-75).

Assim, em 18 de fevereiro de 1926, uma quinta-feira, após o período de Momo, passando pela cidade de Gravatá, em mais uma parada no percurso do trem, houve a tomada da cadeia pública, e a vida do “camarada Cleto” foi ceifada. Os periódicos da época davam a entender que a força legal, ou seja, o governo, havia abatido o revolucionário, contudo, a versão com a qual nos coadunamos é a de que por um erro estratégico, a própria tropa de Cleto, acidentalmente, o vitimou.

É importante destacar o porquê da escolha desse tema, pois apesar de ser oficialmente timbaubense, considero-me uma cidadã gravataense. O carinho por Gravatá consolida-se no

---

<sup>5</sup> Como nessa época a maioria dos barcos/navios não tinha motor a diesel, o foguista era aquele que colocava carvão nas caldeiras a vapor, para assim conseguir energia suficiente para o deslocamento do navio. Uma função importante, mas, certamente, uma das mais desprezadas. <https://tokdehistoria.com.br/> Acessado em 05/08/2023.

ano 2000, quando passei a residir e trabalhar nessa cidade, pois já conhecia de finais de semana e de férias.

Em minhas vivências percebi que a memória do tenente Cleto Campelo ficava evidente em alguns símbolos/representações, como em uma rua (das principais da cidade) - registre-se que, além do município de Gravatá, verificamos que onze, só em Pernambuco e, mais quatro, em outros estados, possuem ruas homenageando o tenente Cleto Campelo<sup>6</sup>. Em Gravatá, há também um busto em homenagem ao tenente, que encontramos no Memorial da Cidade, além de uma grande escola estadual: a Escola de Referência em Ensino Médio – EREM Cleto Campelo, frise-se que, só passou a se chamar assim em 1930. Um jornalzinho confeccionado por um estudante da referida escola relata a origem dela.<sup>7</sup>

Ao assumir o cargo de Secretária de Assistência Social da cidade (2009-2012), criei laços ainda maiores com aspectos da política e da história municipal. Nesse período, tive a oportunidade de visitar mais vezes o Memorial da Cidade, prestar atenção ao “icônico” local da morte (ou tombo, como é dito na localidade) do tenente Cleto Campelo. Para me inteirar um pouco mais dos acontecimentos recorri aos livros didáticos de História, contudo verifiquei a existência de uma lacuna acerca do ocorrido em Gravatá.

Percebi, que devido a essa mencionada lacuna sobre o “Tombo do Tenente” nos livros de história, sobretudo nos didáticos, a necessidade de, através de uma pesquisa de maior fôlego, tentar amenizar a discrepância entre a notoriedade destinada aos fatos ocorridos no Sul e Sudeste e o silenciamento ou discretos comentários quanto ao que ocorria no Nordeste.

Ressalte-se que não tive dificuldades em encontrar publicações destinadas a estudantes do ensino básico, que traziam detalhes sobre “A Revolta dos 18 do Forte”, a “Revolução Paulista” ou a “Coluna Prestes”, por exemplo, em contrapartida, para termos acesso a episódios como o levante tenentista ocorrido em Sergipe entre julho e agosto de 1924, se fez

---

<sup>6</sup> Os municípios que têm ruas com o nome de Cleto Campelo são: Gravata/PE; Recife/PE; Olinda/PE; Paulista/PE; Jaboatão dos Guararapes/PE; São Lourenço da Mata/PE; Abreu e Lima/PE; Arcoverde/PE; Belo Jardim/PE; Caruaru/PE; Garanhuns/PE; Glória do Goitá/PE; Maceió/AL; Aracaju/SE; Rio de Janeiro/RJ; Duque de Caxias/RJ; Cabedelo/PB. Para maiores informações vide: Correios. Disponível em: <https://buscacepinter.correios.com.br/app/endereco/index.php>. Acesso em: 08 ago. 2023. Verificamos que há outros municípios, no entanto, não estão cadastradas nos Correios, como por exemplo, Afogados da Ingazeira/PE.

<sup>7</sup> Jornal de 1996, confeccionado pelo estudante do 1º ano (2º grau), Turma “C”, José Marcondes de Medeiros, relata que “No dia 02 de janeiro de 1925, através do ato 45, o prefeito Rodolfo de Moraes inaugurou o “Grupo Escolar Paz e Trabalho”, que deu grande impulso ao ensino primário na cidade de Gravatá. A partir de 16 de julho de 1927 passou a ter o nome de “Barbosa Lima” e, em 1930, tomou o nome de “Tenente Cleto Campelo” em homenagem ao herói revolucionário que tombou sem vida em frente à Cadeia local (hoje, “Casa da Cultura”), no ano de 1926...” Vide anexo.

necessário procurar em publicações mais especializadas – aqui tive acesso a dissertação intitulada: “A Caserna em Polvorosa: A Revolta de 1924 em Sergipe” da historiadora Andreza Maynard, como também, a dissertação do historiador Alberto Frederico Lins Caldas, referente a “Cleto Campelo”, que aborda a participação do referido tenente no movimento tenentista.

Esta minha percepção foi confirmada através de conversas com profissionais da educação, especificamente, com um diretor de escola<sup>8</sup>, que relatou que chegaram a questionar as editoras (numa época antes do ENEM, em que os vestibulares ocorriam por universidades/estados, e era solicitado aos vestibulandos tais assuntos) o porquê de não se abordar os levantes ocorridos no Nordeste, tendo como resposta que as editoras confeccionavam livros unificados para atender a todo o país, e como já sabíamos, privilegiavam os acontecimentos ocorridos no eixo Sudeste e Sul do Brasil. No entanto, nessa época, para amenizar o questionamento por parte dos professores, eles confeccionaram e enviaram um encarte complementar, onde constavam alguns capítulos envolvendo o levante de Cleto Campelo.

Os anos se passaram, mas a curiosidade a respeito do evento e do personagem continuou. Foi então que surgiu a oportunidade de cursar o Mestrado em História e, segundo uma orientação preliminar, com o Prof. Dr. Helder Remigio, o tema foi sendo construído. A partir daí uma parceria de orientação sistemática se estabeleceu e me foi questionado: “Por que não transformar uma pesquisa de fôlego em um produto com linguagem simplificada?”. Tendo em vista que o produto serviria para suprir essa lacuna, principalmente, entre a comunidade escolar. Fui convencida.

A busca pela resolução dessa questão, apesar de ser uma tarefa árdua, tem sido compensatória, visto que o nosso esforço se justifica pela tentativa de contribuir para o esclarecimento de questões comuns a muitos gravataenses, em especial aos alunos do 9º ano do ensino fundamental, conforme o currículo adotado pela Secretaria Municipal de Educação de Gravatá<sup>9</sup>.

Analisando o referido currículo, verificamos que não é abordado o Movimento Tenentista, muito menos o fato ocorrido em Gravatá, pelo menos não está expresso no

---

<sup>8</sup> Prof. Cristiano Freitas, diretor da escola municipal Edgar Nunes Batista, localizada no centro de Gravatá/PE, Av Gov. Agamenon Magalhães, 162 Prado.

<sup>9</sup> Organizador Curricular - Ensino Fundamental- Anos Iniciais – História I Bimestre. Fonte: Currículo de Pernambuco. Vide anexos.

currículo confeccionado pelo estado e adotado pelos municípios, de uma forma generalista, o que só faz aumentar a carência já tão comentada.

Em contato com a Secretária Municipal de Educação<sup>10</sup>, que nos forneceu uma cópia do referido currículo, soubemos de um projeto recentemente adotado, inclusive fomos presenteados com um exemplar de uma espécie de cartilha ilustrada, intitulada: “*Gravatá - Pernambuco, tu és bela e gentil – Valorização cultural, histórica e geográfica.*”, no entanto, constatamos que a superficialidade acerca do tema aqui pesquisado permanece. E o diretor da Escola Edgar Nunes Batista nos adiantou que ainda não há uma total adesão por parte dos professores ao recente projeto lançado.

Destarte, verificamos que o nosso produto pode auxiliar professores e estudantes por ser uma ferramenta de leitura acessível, com um certo aprofundamento e que vai facilitar o entendimento do estudante, podendo ser adotado no I bimestre do 9º ano, na parte do currículo que tem como “unidade temática”: O Nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Assim, nosso estudo almeja contribuir de forma a complementar o conteúdo comumente encontrado em livros didáticos. Visto a proximidade da história contada com o cotidiano dos estudantes, esses terão ferramentas para examinar detalhes do cenário como a rua, o bairro, o prédio em que funcionava a Cadeia Pública, e que hoje é o Memorial da Cidade, além dos motivos que levaram Cleto Campelo a se insurgir contra o poder constituído.

Acreditamos ainda que nosso trabalho, que será materializado no formato de um *e-book*, pode vir a facilitar a compreensão de uma cadeia de leitores, para além dos estudantes, incluindo professores, calouros universitários ou “pessoas comuns” que se interessam pela história local e nacional. Para tanto, fizemos paralelismos, principalmente entre a vinculação de relações de poder e o cerne das reivindicações dos tenentes.

As reivindicações mencionadas refletiam o descontentamento com inúmeros desmandos administrativos: “Éramos então uma República, os governantes eram eleitos, mas a República não era a sonhada pela maioria, nem tampouco o processo eleitoral representava a efetivação do jogo democrático” (Rezende, 1990, p. 3). Frisamos que para melhor visualizarmos os anos vinte do século passado, chegamos a retroagir um pouco no tempo e

---

<sup>10</sup> Iranice Batista de Lima, conhecida como Ninha Professora, professora do Ensino fundamental, concursada dos municípios de Chã Grande e Gravatá/PE, exercendo o cargo de Secretária Municipal de Educação de Gravatá/PE, desde 01/01/2021.

percebermos um panorama da transição da Monarquia para República, isto é, o final dos “oitocentos”, e em muito nos ajudaram autores como José Murilo de Carvalho, com o seu livro “*A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*” (1990).

Prosseguindo com a pesquisa, procuramos um melhor entendimento acerca deste crime, partimos, no entanto, do modo investigativo que o historiador Carlo Ginzburg nos aponta na sua obra “*Mitos, emblemas, sinais*” (1989), principalmente no capítulo correspondente ao “*Paradigma indiciário*”, para tentar decodificar aspectos do crime, pois na memorialística há narrativas que apontam que Cleto Campelo foi alvejado pela força legal da cidade de Gravatá/PE, que já o esperava; bem como há versões de que foi a dita “bala amiga”, ou seja, alguém da própria tropa o teria atingido - aqui não pretendemos lidar com a verdade absoluta, mas avaliar versões.

Em relação ao movimento tenentista nos apropriamos dos escritos de Anita Leocádia Prestes em “*Os militares e a reação republicana: as origens do Tenentismo*” (1993) e “*Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*” (2015). De Leonardo Carneiro da Cunha - “*O Tenentismo*” (1980), entre outros. Para entender o pano de fundo do nosso recorte temporal e espacial, utilizamos Souza Barros, “*A década 20 em Pernambuco: uma interpretação*” (1972) e de Antonio Paulo Rezende “*(Des)encantos modernos*” (1997), frisamos que este último apesar de focar na cidade do Recife é uma rica fonte de paralelismos que podem ser feitos em relação a cidade de Gravatá.

Como é praxe em história se recorrer a documentos, e em muitos casos esses se encontram em arquivos físicos e/ou virtuais, foram essenciais os trabalhos de Arlette Farge, principalmente, “*O Sabor do Arquivo*” (2009), e as páginas de outra historiadora brasileira, que contribuiu no tratamento das notícias de Cleto Campelo nos periódicos, Tânia Regina de Luca, em seu artigo denominado “*História dos, nos e por meio dos periódicos*” (2008). Ao repararmos que algumas das principais notícias de jornais vieram acompanhadas por fotografias, nos foi sugerido em orientação o livro “*Fotografia & História*” (1988), de Boris Kossoy, percebemos que a obra foi bastante significativa para a estruturação de parte de nossa pesquisa. Note-se que os periódicos consultados por nós, dentre outros, foram *Diário de Pernambuco*, *Jornal Pequeno (PE)* e *Jornal do Recife*, através da Hemeroteca Digital Brasileira /BNDigital/Biblioteca Nacional.

Reiteramos, em agradecimento, a importância dos apontamentos do memorialista Clóvis Campelo, irmão de Cleto, em seu *Diário de um agitador* (2004), com seu detalhamento sobre particularidades da família em sincronia com as decisões tomadas pelo

membro tenentista, bem como a narrativa historiográfica de Alberto Frederico Lins Caldas, intitulada *Cleto Campelo (1978)*, que se aprofundando no cenário pernambucano, fez pontes entre documentos de foro policial, cartográficos, com fontes orais – entre outros, que nos conduziram a tomar determinadas posturas assertivas quanto a nossa narrativa. A partir desses textos, tivemos a oportunidade de dirimir algumas dúvidas com dois dos descendentes de Cleto a Sra. Nalva Campelo e o Sr. Thales Campelo, respectivamente sobrinha e sobrinho-neto do tenente Cleto.<sup>11</sup>

## 2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

### 2.1 - O Tenentismo no Brasil: breve explanação

Inicialmente, é importante destacar, conforme descreve Pedro Ernesto Fagundes (2010, p. 128) que os levantes militares ocorridos na década de 1920 só foram denominados de “Tenentismo” com o significado que conhecemos atualmente, a partir dos anos 1930, com a publicação da obra *O Sentido do Tenentismo (1933)*, escrita por Virgínio Santa Rosa, trabalho pioneiro na interpretação do movimento tenentista.

Atualmente, com o vocábulo consagrado pela historiografia, o movimento tenentista ou Tenentismo, é um tema que ao longo dos anos vem sendo extensivamente estudado por cientistas sociais, ocupando espaço significativo na historiografia (Rezende, 1990, p. 3). Para apreendermos a respeito, contudo, se faz necessário retroagirmos algumas décadas e entendermos a transição do Império para a República, e as causas de descontentamentos de boa parte dos brasileiros.

Desta forma, notemos que em fins dos oitocentos o cenário interno do Brasil estava agitado, e um acontecimento corroborou bastante para isso: a chamada “abolição da escravatura”. Portanto, a “liberdade” concedida aos escravizados com a chancela do Império deu consistência a um descontentamento entre os oligarcas e colocou em iminência a

---

<sup>11</sup> A sra. Nalva Cristina Campelo, assina a “Nota de apresentação” do livro “Diário de um agitador”, cujo autor é seu pai, Clóvis Campelo. Ela nos atendeu numa conversa telefônica e se predispôs a nos dirimir dúvidas familiares que estivessem ao seu alcance.

República, que foi concretizada no campo político através de um golpe militar, em 15 de novembro de 1889.

Para além da abolição da escravatura, o golpe militar, liderado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, lançava luz a outra querela, como aponta Marcos Napolitano (2021, p. 16) “[...] para os militares do Exército, o problema da Monarquia era outro [...] o Exército se sentia desprestigiado como corporação pelo governo.” O autor ainda identifica que Deodoro não era necessariamente um conspirador Republicano, “[...] ao contrário da *jovem oficialidade* que abraçava os ideais do positivismo e do republicanismo. Mas, para manter sua liderança no Exército, sabia que não poderia reprimir seus subordinados, amplamente abolicionistas e republicanos” (Napolitano, 2021, p. 14, grifo nosso).

De acordo com José Murilo de Carvalho (2019, p. 43), os vitoriosos da República fizeram muito pouco em termos de expansão de direitos civis e políticos. Para o autor, o que foi feito já era demanda do liberalismo imperial – havendo, inclusive, um certo retrocesso no que se refere a direitos sociais. Sem contar que, aos poucos, uma nova elite foi se consolidando no poder para o descontentamento de muitos, entre eles, os oficiais de baixa patente do Exército, na sua maioria tenentes, e assim, foi se delineando o Tenentismo.

Dando continuidade, a fim de melhor entendermos o movimento tenentista, optamos por uma imersão para observar o que ocorria dentro dos quartéis no início do século XX. Percebemos que parte dos oficiais subalternos se negaram a agir de forma submissa, dócil, e a melhor forma de definir esse “dócil”, encontramos em Foucault: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...]” (Foucault, 2014, p. 134). Assim, alguns dos tenentes “não-dóceis”, cultivavam insatisfações com as bases da política oligárquica e com o governo.

Convém lembrarmos que o Brasil, no ano de 1922, atravessava uma série de agitações políticas, dentre elas a sucessão presidencial, tendo sido eleito Presidente da República Artur Bernardes, “político mineiro que era particularmente odiado pelos militares” (Napolitano, 2020, p. 72). Vê-se que a sucessão presidencial se transformou num ritual de passagem do poder que incluía alguma dose de instabilidade política e contemplava um ajuste entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. A cada quatro anos, intrigas, tensões e conciliações permeavam o pleito. (Schwarcz; Starling, 2018, p. 352).

Logo, a ascensão de Bernardes, foi apoiada pelos Estados de São Paulo e Minas (a velha política do “café com leite”), em eleição *fraudulenta*, ele venceu o candidato Nilo

Peçanha (apoiado pelos Estados do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul – a chamada “Reação Republicana<sup>12</sup>”), que foi o estopim para desencadear questionamentos formais por parte do Clube Militar<sup>13</sup> sobre o resultado das eleições. Contudo, o Congresso Nacional não aceitou tais questionamentos. Tomou-se medidas drásticas para a manutenção das eleições como o fechamento do Clube Militar no Rio de Janeiro e a prisão de Hermes da Fonseca<sup>14</sup>. As iniciativas do governo pareciam confirmar as piores suspeitas dos militares: que o Exército brasileiro poderia vir a ser extinto - a reação foi imediata com o início do movimento tenentista (Napolitano, 2020, p. 74).

É importante rememorar que, as sucessivas crises vividas nas primeiras décadas da República no Brasil evidenciavam um descontentamento com inúmeros desmandos administrativos, que podem ser observados, pois:

O descontentamento atingia mais fortemente grupos do Exército, da classe média, do operariado e membros da classe dominante que se sentiam marginalizados. As divergências e as insatisfações de cada grupo dimensionavam o conteúdo de suas reivindicações [...] (Rezende, 1990, p. 5).

Em relação ao Exército, mais especificamente ao movimento tenentista, Rezende ainda nos mostra que:

O Tenentismo tinha, pelas suas próprias raízes, indefinições políticas que lhe impossibilitavam a formulação de uma estratégia mais ampla, junto com outras forças sociais. O sentimento antigovernista em que se baseava era claro, o discurso nacionalista que empregava conquistava simpatizantes. As suas reivindicações tinham um conteúdo de moralização da administração pública. No entanto, havia no seu interior divergências quanto às alianças que deviam ser estabelecidas e à própria dimensão das reformas que deveriam ser feitas. [...] No entanto, apesar das indefinições, *o movimento encontrava ressonância com adeptos fora do grupo militar*. (Rezende, 1990, p. 6, grifo nosso).

---

<sup>12</sup> Reação Republicana – uma articulação formada, em 1921, pelas forças políticas vinculadas aos Partidos Republicanos do Distrito Federal e dos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco, insatisfeitos com a escolha do mineiro Artur Bernardes para a sucessão de Epitácio Pessoa. Embora derrotada no pleito de março de 1922, essa coligação eleitoral, criada para dar sustentação à candidatura fluminense de Nilo Peçanha à Presidência da República, obteve grande repercussão no País, empolgando amplos setores das populações urbanas, que se mobilizaram contra a política dominante das oligarquias paulista e mineira (Prestes, 1993, p. 15-16).

<sup>13</sup> “Associação civil, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, fundada em 26 de junho de 1887. Tem como principais objetivos “estretar os laços de união e solidariedade entre os oficiais das forças armadas”, “defender os interesses dos sócios e pugnar por medidas acauteladoras dos seus direitos” e “incentivar as manifestações cívicas e patrióticas e interessar-se pelas questões que firam ou possam ferir a honra nacional e militar” (CPDOC, 2022, p. 1).

<sup>14</sup> Hermes da Fonseca - ex-presidente do Brasil, que governou o país entre 1910-1914, e era o atual presidente do Clube Militar, localizado na capital do país – Rio de Janeiro.

Dessa forma gostaríamos de salientar que, com a ressonância de outros adeptos, a “empolgação tenentista” foi base de alguns levantes como “A Revolta do Forte de Copacabana”, “A Revolta Paulista” e a “Coluna Prestes”. O primeiro levante, ocorrido em julho de 1922, iniciada com trezentos revoltosos, teve na sua batalha decisiva apenas dezoito participantes, o que lhe rendeu a alcunha de “Os Dezoito do Forte”. Difícil de imaginarmos como dezessete militares e mais um civil – que só se juntou com os militares já no caminho do Palácio do Governo, encararam a tropa oficial de soldados do governo, do Presidente Epitácio Pessoa. O resultado foi visto por alguns como um ato de heroísmo, por outros, como massacre, uma vez que a exceção de dois<sup>15</sup> que ainda conseguiram sobreviver, o restante morreu.

Em julho de 1924, dois anos após o primeiro levante no Rio de Janeiro, eclode outra insurgência ao poder constituído, em São Paulo: “A Revolta Paulista ou Revolução Paulista”. O movimento militar liderado pelos tenentes Miguel Costa e Isidoro Dias Lopes, tinha no discurso moralizante sua bandeira maior, e exigia, contundentemente, eleição para Constituinte, contudo sem buscar mudanças no quadro institucional. A cidade de São Paulo estava ocupada há vinte e dois dias pelas tropas de Isidoro Dias Lopes, ao que parece os responsáveis pela destruição do local não se mostravam preocupados com os civis. Reiteremos que a Revolução Paulista representou o maior conflito bélico até então ocorrido na cidade de São Paulo (Schwarcz; Starling, 2018, p. 348).

Outrossim, como já dito anteriormente, tivemos acesso, no decorrer da presente pesquisa, ao trabalho de Andreza Maynard, e consta na sua dissertação que em Sergipe houve também a revolta do 28º Batalhão de Caçadores, que não estava nos planos das autoridades sergipanas, e nem mesmo nos planos dos insurretos paulistas. No entanto, unificados pelo desejo de moralizar o sistema político, através da retirada de Artur Bernardes da presidência da República, os oficiais sergipanos se sentiram na obrigação de demonstrar seu apoio aos colegas de farda paulistanos (Maynard, 2008, p. 10).

Com as negativas do presidente Artur Bernardes às exigências dos revoltosos, esses abandonaram a capital rumo ao Sul do país; “[...] a conspiração continuava, os tenentes incentivavam a rebeldia, buscavam aliados e procuravam obter a base material necessária para a vitória”. (Rezende, 1999, p. 8).

---

<sup>15</sup> Os dois sobreviventes foram Siqueira Campos e Eduardo Gomes, os quais ficaram bastantes feridos.

Em 1925, no estado do Paraná, foi formada a “Coluna Prestes”. Esse movimento tinha como líder, Luiz Carlos Prestes, comandando aproximadamente 1.500 (mil e quinhentas) pessoas, havia também algumas poucas mulheres entre a tropa, elas chegaram a percorrer cerca de 25.000 (vinte e cinco mil) km pelo interior do país, e com isso passaram a conhecer a realidade em que vivia uma parte da população brasileira, os trabalhadores rurais, em sua maioria, analfabetos. Anita Leocádia assevera:

[...] Prestes iria se transformar numa liderança revolucionária, que lutou de armas na mão contra o poder oligárquico estabelecido na Primeira República. Durante a Marcha da Coluna, ele se convenceria de que a proposta liberal dos “tenentes” não era a solução para os graves problemas sociais do povo brasileiro – em particular, dos trabalhadores rurais, com os quais entrara em contato em seu périplo de 25 mil quilômetros pelo interior do país. (Prestes, 2015, p. 16).

Alguns historiadores indicam que os integrantes do movimento tenentista se autointitulavam como salvacionistas, isto é, divulgavam que apenas através das “armas nas mãos” o país seria salvo do grupo dominante. Contudo, percebemos que esse “*slogan*” apresenta lacunas, dando margem a indagações diversas, como por exemplo a busca do “poder pelo poder”, assim, os tenentes passariam de subjugados a subjugadores, compondo um grupo fechado, sem se preocupar com outras parcelas da população que também passavam por situações de precariedade, como sinaliza Leonardo Cunha:

[...] o liame comum de todas as ‘rebeliões tenentistas’ era introduzir no aparelho do Estado, através de um golpe militar, modificações de fachada, se evitando ao mesmo tempo a criação de condições que permitissem à massa popular interferir ativamente no processo político. (Cunha, 2021, p.106).

Discordamos do raciocínio de Cunha, pois, optamos por não fazer generalizações, visto que muitos destes tenentes eram oriundos de famílias não abastadas e escolhiam a carreira militar para, através do aparato do Exército, ter condições de ao final do mês receber um soldo que lhes garantissem a manutenção de benefícios, bem como a facilidade de ingressar no campo da educação, ter acesso a tratamentos hospitalares etc. Associado a isto, é aceitável que alguns tivessem preocupações com seu grupo de origem, buscando melhorias. Dessa forma, filiamo-nos ao pensamento de Anita Leocádia Prestes quando aduz:

Mesmo considerando de grande validade o exame dos fatores especificamente organizacionais – decorrentes do fato de os militares pertencerem a uma corporação estatal, como as Forças Armadas – ou, em outras palavras, embora reconhecendo que os militares sofram condicionamentos inerentes à organização em que atuam profissionalmente, é fundamental salientar que eles não se encontram isolados do restante da sociedade por uma muralha chinesa. Ao contrário, como membros desta sociedade, são por ela condicionados e influenciados ideológica e politicamente. (Prestes, 1993, p. 14-15).

A História do tempo presente nos fornece a oportunidade de trabalharmos com fontes diversas. Contudo, é preciso levar em consideração que o documento por si só não enuncia uma verdade absoluta, é preciso mais que sua citação, é preciso analisá-lo. Seja em antagonismos de narrativas, como vimos entre os supracitados autores (Cunha e Prestes), seja em artigos publicados em periódicos, muito utilizados por nós neste estudo, visto que buscamos analisar como parte da imprensa pernambucana retratava o tenentismo, a atuação do tenente Cleto Campelo, e ainda o seu assassinato.

No entanto, para analisarmos o que a imprensa veiculava sobre nosso protagonista, é necessário nos aprofundarmos na biografia de Cleto Campelo, para conhecermos seus vínculos de sociabilidade, suas relações no exército, na política, enfim, entendermos um pouco da sua personalidade e das causas que o levaram a se insurgir contra o governo constituído.

## 2.2 - Cleto Campelo: dados biográficos, itinerário e imprensa

Escrever sobre uma vida não é tarefa fácil, contudo, como diria François Dosse (2009, p. 11), dados biográficos podem ser elementos privilegiados na reconstituição de uma época com seus sonhos e angústias. Assim, passaremos a situar o leitor com alguns dados básicos sobre o personagem que protagonizou nossa pesquisa.

Cleto da Costa Campelo Filho, nasceu em 29 de dezembro de 1898, na cidade do Recife, faleceu em 18 de fevereiro de 1926, em Gravatá/PE, como dito anteriormente, durante um combate liderado por ele, que estava inserido no movimento tenentista. Nascido do casal Cleto da Costa Campelo e de Emília Olympia de Souza Campelo<sup>16</sup>, respectivamente, um guarda livros<sup>17</sup> e uma dona de casa. Era da família o terceiro que possuía o nome Cleto, pois o seu avô também assim se chamava. Tinha dois irmãos mais novos, Ciro e Clóvis. E uma irmã mais velha, Emília da Costa Campelo, chamada pela família de Mimi, que, diferentemente dos outros familiares não podia cooperar com estratégias familiares em torno de Cleto, visto ser portadora de transtornos mentais. (Campelo, 2004, p. 28).

---

<sup>16</sup> Em algumas fontes aparece discordância entre esses nomes, contudo nos embasamos em documentação cartorial para confirmar. Vide nos anexos: Registro Civil de Clóvis Campelo.

<sup>17</sup> Similar a um contabilista, técnico em contabilidade, atualmente.

Paulo Cavalcanti (2008, p. 57) esclarece que Cleto estudou no Ginásio Pernambucano, tendo sido aluno laureado e orador da turma, ao concluir humanidades, equivalente ao atual Ensino médio. Coadunando com Cavalcanti, Lins Caldas (1978, p. 34-35), acrescentando que Cleto Campelo Filho demonstrava vocação para carreira militar desde criança. Pelo seu esforço foi lhe facilitado pelos pais dedicar-se à Matemática e História, matérias que o habilitariam ingressar na carreira do Exército. Em 1913, aos 15 anos incompletos, ingressou no 49º Batalhão de Infantaria, sediado no Recife, de onde partiu para estudar na Escola Militar do Realengo, na Capital Federal – Rio de Janeiro.

Estudante aplicado, concluiu o curso na academia, incluído entre os que haviam alcançado as melhores notas “[...] Cleto, ao receber as divisas de tenente, teve a prerrogativa de escolher o estado onde deveria servir, preferindo Pernambuco (Cavalcanti, 2008, p. 57). Serviu como aspirante, no 21º Batalhão, no Recife. Note-se que a autoridade intelectual se sobrepunha à física, pois fisicamente, pouco se destacava entre os colegas, possuía baixa estatura e corpo franzino. Inversamente proporcional à sua estatura, na ótica de Lins Caldas (1978, 45-46), estava sua coragem e força em decisões, vinculadas sobretudo à sua pátria, à lealdade à terra natal e à família. A propósito, sobre decisões familiares, 1923 é um ano bastante simbólico, visto que, estando em São Paulo se casou, por procuração, com Maria Fausta Salles, com quem teve duas filhas: Maria Fausta Sales Campelo e Maria Fábria Sales Campelo.

Ademais, compensava seus poucos dotes físicos com esforço e disciplina, assim, conseguia se superar, inclusive, no meio esportivo, como futebolista – em época de franca ascensão desse esporte, era atleta do Torre Sport Club<sup>18</sup>.

Dessa forma, “os Campelo” compunham uma família de classe média, mas possuíam através de vínculos de sociabilidades, ligações com segmentos da sociedade que tinham inserção e prestígio em vários espaços sociais, condizentes com a remuneração de um profissional liberal, nos anos 1920, que era o caso de Cleto Campelo (pai).

Figura nº 01 – Cleto Campelo, pai do tenente Cleto, na década de 1910.

---

<sup>18</sup> Apesar de extinto, o Torre (TSC) era uma das forças do futebol pernambucano na década de 1920, sendo tricampeão da liga.



Fonte: Acervo da família de Clóvis Campelo.

A propósito, o Cleto Campelo (pai) posa para uma fotografia (figura nº 01) na década de 1910, trajado em paletó fino, ladeado de uma bengala, luvas brancas e cartola. Aqui, lembremos o que nos diz Boris Kossoy (2012, p. 107-109), sobre o uso das imagens na condição de fontes históricas. Na perspectiva deste autor, precisamos ler a imagem de forma contextual para que as intencionalidades entre fotógrafo e fotografado possam reconstituir de forma crítica o cenário envolvido. Na figura em questão, podemos fazer algumas inferências, como a de deduzir que o fotografado gostaria de expor uma condição social que o qualificasse a adentrar nas rodas sociais requintadas. Quem sabe não estaria em uma formatura de um dos cursos da Associação Comercial de Pernambuco, onde era professor de Matemática e Contabilidade? Ou numa reunião entre diretores do Torre Sport Club, da qual era partidário, em uma época que o futebol era elitizado?

Para além de contabilista, o Cleto (pai), tinha laços numa forte associação, e contato mais estreitos com outros professores, como no caso do seu sogro o Dr. Antônio Justino de Souza, que foi professor, por muitos anos, do Ginásio Pernambucano (Diário de Pernambuco, 16/04/1921, p. 2), e foi nessa roda intelectual que o delegado Apulcro d'Assunção o

reconheceu, e tentou a todo custo obter informações sobre seu filho Cleto, então foragido da polícia – o mesmo não cedeu às investidas da autoridade policial. Anos mais tarde demonstrou traquejo social, ao ser recebido pelo General Juarez Távora, em seu gabinete em plena Revolução de 1930, e solicitar que o comandante o poupasse de ver outro filho abatido em guerra, agora no caso Clóvis Campelo que, mesmo contrariado, não insistiu em retomar ao confronto. (Campelo, 2004, 26; 123-125).

Clóvis Campelo (2004, p. 35) nos forneceu um relato a respeito da convivência da família, apresentando que ao núcleo primeiro dos Campelo se agrupavam outros parentes que gozavam de certa influência social, como no caso do primo Oscar Raposo, despachante federal e estadual; enfim, a família Campelo não passava pela sociedade de forma anônima, chegando a ocupar espaços nos jornais, a exemplo, é possível observar a nota na imprensa que noticiava a chegada do então aspirante Cleto Filho da Capital federal, Rio de Janeiro, publicado pelo *Diario de Pernambuco*:

Aspirante Cleto Campelo Filho – A bordo do paquete Bahia, chegou ontem a esta capital, o aspirante Cleto Campelo Filho que acaba de concluir com brilho o seu curso na Escola militar. O jovem e esperançoso oficial do nosso exército, que é um dos nossos mais fervorosos *sportman*, teve um desembarque muito concorrido. [...] (Diario de Pernambuco, 25/02/1921, p. 3).

O periódico noticiava a chegada de Cleto ao Recife após uma temporada no Distrito Federal-RJ. Ressalta-se que ele foi declarado aspirante, no ano de 1921. Promovido ainda, nesse ano, a segundo-tenente, chegando a primeiro-tenente em 1922.

A década de 1920, como dito anteriormente, foi um período muito conturbado para o Brasil, coincidindo com o início da vida militar de Cleto Campelo, que chega a primeiro-tenente, exatamente, no ano peculiar de 1922, com acontecimentos que reverberam até hoje como a Semana de Arte Moderna – em São Paulo, a criação do Partido Comunista, o centenário da independência do Brasil, e o início dos levantes militares contra o governo de Epitácio Pessoa.

Sobre esses levantes, destacamos, mais uma vez, que vivíamos numa República Oligárquica, em que os grupos pertencentes às elites eram predominantes no processo político eleitoral, e a maior parte da população não estava inserida nos acordos dos oligarcas. Isso, também era sentido no Exército, principalmente, pelos oficiais de baixa patente. Para entendermos o porquê da deserção do tenente Cleto Campelo, bem como o desfecho trágico da sua sublevação, que estava inserida no movimento tenentista, é imprescindível conhecer o momento político que o Brasil vivia, e concomitantemente Pernambuco.

Em Pernambuco, além do problema da sucessão presidencial, a situação se agravava ainda mais devido à atuação dos Pessoa de Queiroz, família muito influente, abastada, dona de meio de comunicação, envolvida com a política, e ainda, sobrinhos do então Presidente da República, Epitácio Pessoa. Segundo o *Jornal do Recife*, estes sobrinhos do presidente utilizaram-se de todo o prestígio, benesses e artifícios para eleger Artur Bernardes, inclusive dentro dos quartéis, ocorrendo por parte deles atos de perseguições, ameaças, dentre outras situações, o que causava indignação por parte da corporação, especialmente, Cleto Campelo.

As perseguições se estendiam para qualquer um da população que tivesse pensamento político divergente da referida família, o que ocorreu diretamente com o professor da Faculdade de Direito do Recife, Joaquim Pimenta, aliado do Senador Manuel Borba, que era antibernardista, vejamos:

As questões estaduais adicionaram-se, as medidas repressivas do governo federal por ocasião das manifestações de Joaquim Pimenta. Manuel Borba e outros partidários da Reação Republicana (movimento de oposição à candidatura de Artur Bernardes à presidência da República) em defesa da autonomia do estado, ameaçada pelo governo de Epitácio Pessoa (CPDOC, 2022, [s.p.]).

O então Presidente da República, Epitácio Pessoa, cujo governo provocou descontentamento e oposição generalizados, dos militares aos setores urbanos e às oligarquias paulista e mineira, precisou alinhar-se à candidatura do mineiro Artur Bernardes, com o compromisso de que o presidente seguinte seria Washington Luís, governante de São Paulo (CPDOC, 2022, [s.p.]). Artur Bernardes saiu vitorioso, contudo, perante os tenentes era visto como ícone das oligarquias dominantes, logo, seu governo foi combatido por Cleto e seu grupo.

Em solo pernambucano a efervescência política, do início da década de 1920, também era perceptível tendo em vista que o governador José Rufino Bezerra Cavalcanti<sup>19</sup> afastou-se do cargo por ter sido acometido por uma doença grave, e veio a falecer em março de 1922. A sua morte ensejou novas eleições, em maio do referido ano de 1922.

As eleições no estado se polarizaram, bernardistas, como Epitácio Pessoa e parte de sua família que residia em Pernambuco, os Pessoa de Queiroz, apoiaram o Coronel Eduardo de Lima Castro; já os antibernardistas, como o senador Manoel Borba, apoiaram José Henrique Carneiro da Cunha, que saiu vitorioso, embora, não tenha assumido o cargo.

---

<sup>19</sup> Nasceu em Vitória de Santo Antão, 1865 – faleceu em Recife em 1922. Foi deputado federal por Pernambuco 1906-1914; ministro da Agricultura 1915-1918; senador de Pernambuco 1918-1919; governador de Pernambuco 1919-1920.

O grupo dos Bernardes contestou as eleições, e os antibernardistas responderam às provocações. Com o confronto envolvendo forças militares de um lado, e do outro lado a ameaça de intervenção em Pernambuco. Em seguida as duas facções entraram em acordo, e o juiz Sérgio Lins de Barros Loreto foi eleito e empossado governador. (CPDOC, 2022, p. 2).

O resultado das eleições, e a repercussão no estado, era amplamente divulgada pela imprensa pernambucana, como no caso do *Jornal do Recife*<sup>20</sup> como constatamos na reportagem do dia 1º de junho de 1922, que trazia em seu bojo os “dias rubros”, ou seja, dias de combate aos quais o estado foi submetido. Sobre a desordem em território pernambucano, o tenente Cleto Campelo mostrou-se inconformado. Sabia que parte desse arsenal negacionista em reconhecer o resultado das eleições provinha dos sobrinhos Pessoa de Queiroz, com a chancela do presidente da república.

O tenente Cleto Campelo juntou-se à parte oposicionista do exército e se rebelou, sendo punido. As transferências de seu estado natal eram represálias comuns impostas a Cleto, em contrapartida, as denúncias aos maus tratos, eram levadas a público via imprensa pelo próprio tenente.

Numa das transferências do tenente Cleto Campelo, quando chegou à Capital Federal resolveu dar uma entrevista ao periódico, *Correio da Manhã*. Ela foi republicada pelo *Jornal do Recife*, no dia 13 de junho de 1922. Devido a esta entrevista, Cleto foi preso, por trinta dias, na Fortaleza de Santa Cruz. Note-se que este mesmo jornal, oposicionista, era tanto fornecedor de notícias para Cleto, quanto publicador de matérias assinadas por ele. Abordaremos a seguir algumas dessas matérias do “tenente-colaborador”.

Antes de continuarmos, é prudente destacarmos que embora quase toda a imprensa pernambucana fosse situacionista, o *Jornal do Recife* abriu as portas para que Cleto, demonstrasse seu lado oposicionista ao governo federal estabelecido. Dito isto, lembramos que fizemos um esforço para trazermos à tona algumas informações desse periódico, levando em consideração o que foi dito pela historiadora Tânia Regina de Luca (2008, p. 140), quando advertiu que precisamos ler o não-dito, isto é, as entrelinhas do noticiário, desta forma devemos analisar minúcias como o dia da semana em que a matéria foi publicada, a página, as letras em destaque além de identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, e estabelecer os colaboradores mais assíduos.

---

<sup>20</sup> Este periódico era, à época, oposicionista ao governo federal, e tinha como diretor o Coronel Luiz Faria.

O primeiro artigo foi publicado na primeira página, no dia 29/10/1922, num domingo, e assim ocorreu semanalmente, por vários domingos, e sempre na primeira página. Os artigos sempre vinham intitulados: “Do Recife a Goyaz” (Jornal do Recife, 29/10/1922, p. 1).

Cleto Campelo iniciou o seu relato citando o método utilizado por Machado de Assis no seu romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, ou seja, ele começou a narrar suas memórias pelo fim. Assim, iniciou sua narrativa no local onde se encontrava, a pequena cidade de Ipameri, no estado de Goiás, descrevendo algumas características do local, como sendo um pequeno vilarejo, com duas grandes ruas paralelas cortadas por duas praças. E no viés político, ele não deixa de enaltecer a administração do gestor, que com o seu trabalho faz com que a pequena cidade consiga triunfar sobre a capital de Goiás.

E a partir daí verificamos a preocupação de Cleto Campelo com sua terra natal, descrita em alguns trechos, vejamos:

Para sermos grandes nada nos falta: - o Atlântico molha nossas praias; rios caudalosos fertilizam os terrenos; canaviais embelezam os campos arrancando deles a riqueza; o azul do céu deleita o nosso olhar.

Tudo isto é um incentivo para a luta pelo progresso e Pernambuco há de saber se aproveitar de seus dons naturais para que nunca fique abaixo de seus irmãos de Norte e Sul. (Jornal do Recife, 05/11/1922, p. 1).

A partir do artigo publicado em 12/11/1922, Cleto Campelo volta a cronologia normal para explicar o motivo da sua transferência, tendo em vista que iniciou sua narrativa pelo fim, com o intuito de agradecer aos amigos que por ele muito fizeram e para dar notícias suas (Jornal do Recife, 12/11/1922, p. 1).

E ele continuou a explanação, dizendo que estava em sua residência, em 17/05/1922, após os exercícios matinais realizados pelo batalhão, quando recebeu um bilhete do seu amigo, tenente José de Oliveira Leite, para se apresentar ao Quartel General. E lá soube da sua transferência, e isso se devia à efervescência política em Pernambuco. E no dia 23/05/1922, partiu da sua terra natal, e, como já dito anteriormente, foi uma forma de represália, pelo seu posicionamento político.

Diante das notícias recebidas em cada parada durante a viagem, compreendeu que Pernambuco estava realmente convulsionado, e uma revolta o empolgou. Assim, Cleto começou a refletir sobre que mesmo de longe, desterrado, poderia fazer algo em benefício de Pernambuco que se encontrava ameaçado pelos desmandos oligárquicos, e resolveu dar um grito que pudesse ser ouvido pelo país inteiro. Precisava dizer a sua pátria o que tinha visto na sua terra.

Desta forma deliberou dar uma entrevista a um dos grandes jornais do Rio de Janeiro, logo que ali chegasse, mesmo sabendo que esta decisão poderia o levar ao cárcere, no entanto não deu importância a possível punição. Assim que chegou ao Rio de Janeiro, dirigiu-se à residência do General Joaquim Inácio, grande amigo de Pernambuco, unido por estreita amizade ao senador Manoel Borba. Segue abaixo uma parte do seu diálogo com o General:

Ao chegarem as últimas do dia, levantou-se o general, soberbo e imponente em sua cólera, que dando um grande soco na mesa junto a qual eu estava, exclamou indignado:

- E o exército em Pernambuco se sujeita a isso? Que fazem lá os nossos amigos?

- Nada podem fazer, respondi. Eu, porém, posso. Vou agir. É preciso que o país inteiro saiba o que está passando em Pernambuco. Pode V. Exa. conseguir que eu fale ainda hoje ao Dr. Edmundo Bittencourt?

O general dirigiu-se ao telefone e em seguida disse-me que o proprietário do “CORREIO DA MANHÃ” me esperava no dia seguinte às quatorze horas. (Jornal do Recife, 26/11/1922).

Aqui, abriremos um parêntese para expor parte dessa polêmica entrevista, proferida pelo tenente Cleto Campelo Filho, em 31/05/1922, que repercutiu não só na sua vida particular e militar, como de certa forma interferiu na política do Brasil, pois após a publicação da entrevista explosiva, com menos de quarenta dias estourava o primeiro levante militar, que foi a Revolta do Forte de Copacabana, em 05/07/1922.

Vejamos a parte inicial desta entrevista, republicada no Jornal do Recife, no dia 13/06/1922, sob o título: “A intervenção federal em Pernambuco.”

Sensacional entrevista do brioso 2º tenente do exército, Cleto Campelo Filho. (Do ‘Correio da Manhã’ do Rio, edição de 31 de maio último). O CRIME DOS PESSOA DE QUEIROZ HISTORIADO POR UM TENENTE DO EXÉRCITO.

Transferido da 6ª região militar, em Pernambuco, para o 6º batalhão de caçadores, em Goiás, o 2º tenente Cleto Campelo Filho teve o orgulho de ver, assim, castigados pelo governo o seu civismo e o seu brio de militar que sabe honrar a farda do Exército.

Perseguido pelo crime de não ser bernardista, ele, contudo, não volta atrás das suas convicções e continua a manifestar pelo insultador da sua classe o mesmo desprezo de sempre.

Testemunha do que em Pernambuco tem ocorrido ultimamente, ninguém melhor do que ele nos poderia prestar informações minuciosas sobre o pretendido assalto dos irmãos Pessoa de Queiroz ao governo do grande Estado do norte.

Solicitado por nós, o tenente Cleto Campelo assim historiou o ignominioso caso da intervenção indébita da família do presidente da República naquela terra:

“Quando surgiu o incidente da carta toda guarnição de Pernambuco se colocou ao lado do general Cardoso de Aguiar, então comandante da 6ª região militar, que passou ao Sr. Nilo um telegrama hipotecando inteira solidariedade do seu comando. Pouco depois, constou que aquele general havia sido censurado, em virtude do que o Dr. Joaquim Pimenta, professor da Faculdade de Direito do Recife, promoveu um comício de desagravo ao comandante da região. Os sobrinhos do presidente da República, os Pessoa de Queiroz, entendendo ser o projetado “meeting” uma afronta ao tio, mandaram dizer ao professor Pimenta, que dissolveriam o comício a bala... O

sr. Joaquim Pimenta foi ao quartel general, expondo ao comandante da região o que então se passava, duvidando, porém, que a ameaça se convertesse em fato.

[...] No dia 24 de novembro do ano passado o professor Joaquim Pimenta realizou o anunciado “meeting”, e com efeito foi dissolvido a bala, como haviam ameaçado os sobrinhos do presidente da República, havendo luta em que tomou parte saliente um capanga empregado da casa Pessoa de Queiroz, conhecido por Carioca. Prendi-o e foi por mim levado à delegacia, onde foi lavrado o competente auto de flagrante.

Esse incidente deu em resultado uma luta meio declarada entre a guarnição e os sobrinhos do presidente, os quais como represália, fizeram retirar o general Cardoso de Aguiar, seu estado-maior e o comandante do 21º batalhão de caçadores.

Para evitar a condenação do facínora, os Pessoa de Queiroz subornaram juízes e, por meio de um *habeas corpus*, o capanga do pessoísmo foi posto em liberdade.

[...] O major Júlio Gonçalves de Azevedo, após ter recebido de presente do Sr. Romeu Pessoa de Queiroz, um cavalo que custou 1:200\$000, em um “meeting” realizado num arrabalde de Recife, no auge do entusiasmo, fardado, subiu à tribuna e falou a assistência: “A farda do exército será a mortalha do povo pernambucano. O Exército está com o coronel Lima Castro. Para atacá-lo terão que passar por cima do 21º. Se este não chegar, virão o 22º da Paraíba, o 20º de Alagoas, o Exército inteiro”.

[...] Daí em diante começaram as perseguições mesquinhas aos oficiais e praças dos batalhões, a ponto de se negar aos capitães o direito de licenciarem soldados, o arranchamento em massa dos soldados desarranchados e a obrigatoriedade de todas as praças responderem a revista. Estavam as coisas nesse pé quando uma manhã recebi ordem do major Júlio Gonçalves de Azevedo para dispensar o meu auxiliar da Escola Regimental. Respondi-lhe que não o faria por não ter motivos para isso, dizendo-me o major que agiria sem minha autorização e que demitiria o meu auxiliar. Sindicando qual o motivo dessa exoneração, cheguei à conclusão de que o major Júlio Gonçalves de Azevedo convidara aquele meu auxiliar para distribuir retratos do coronel Lima Castro nas cidades de Jaboatão e Vitória, o que ele recusara fazer, arrastando a cólera do major. Sentido com essa exoneração, demiti todos os outros empregados da repartição. Desde então eu e o major não trocamos mais uma palavra, até o dia 11 de maio, quando fui chamado pelo major para uma entrevista particular. (Jornal do Recife, 13/06/1922)

No artigo publicado no dia 10/12/1922, Cleto conta que no dia 02/06/1922, foi à Copacabana, pois depois da sua entrevista ficou só aguardando a ordem de prisão, que já sabia ser certa.

Chegando ao gabinete do General Neiva, falou: “- Menino, sua questão foi em Pernambuco, por que não calou-se aqui? - General, calar-me diante do que está passando em minha terra seria covardia.” (Jornal do Recife, 10/12/1922).

O General entregou-lhe uma folha para declarar se de fato foi ele que emitiu os conceitos exarados na entrevista publicada no “Correio da Manhã” em data de 31/05/1922.

A pedido do general para que ele levasse para casa e pensasse melhor antes de responder, ele assim o fez, e no dia seguinte devolveu assim preenchido:

Ao Sr. General Neiva de Figueiredo, chefe de Departamento do Pessoal da Guerra.

Em cumprimento à ordem do Sr. Ministro da Guerra, a mim transmitida em portaria datada de 1º do corrente mês, tenho a vos informar que assumo inteira responsabilidade das expressões contidas na entrevista dada por mim ao “Correio da Manhã” e publicada no dia trinta e um de maio do corrente ano. [...]

Quanto ao fato de oficiais nela aparecerem tenho a declarar que na referida entrevista, apenas relatei acontecimentos desenrolados em Pernambuco e se os nomes deles vieram a publicidade é porque se acharam envolvidos nesses mesmos acontecimentos relatados por mim. [...]

Capital Federal, 3 de junho de 1922 – Cleto da Costa Campelo Filho, 2º tenente. (Jornal do Recife, 10/12/1922).

No relato do dia 17/12/1922, Cleto conta da sua inevitável prisão, exatamente no dia 05/06/1922, quando um oficial da artilharia foi buscá-lo em casa, levando-o para o Forte de Copacabana, sede do distrito de Artilharia da costa. Sabido a causa da prisão, o tenente Cleto Campelo ficou por 30 (trinta) dias na Fortaleza de Santa Cruz, como já dito anteriormente, após cumprido essa pena/castigo, seguiu para Goiás.

Com esses pequenos relatos escritos pelo próprio Cleto Campelo, conhecemos um pouco mais da sua personalidade, e como disse Lins Caldas: “[...] nada melhor para se conhecer um homem do que aquilo que deixou escrito, documentando a própria vida e marcando o pensamento que o norteou” (Lins Caldas, 1978, p. 109).

Outrossim, veremos no próximo tópico como aconteceu a morte de Cleto Campelo, que saiu da cidade de Jaboatão dos Guararapes/PE, passou por Moreno, Vitória de Santo Antão e Gravatá, esta última seria mais um ponto de parada, como fez nas cidades anteriores, para se abastecer de dinheiro, comida, resgatava presos, cooptava mais algumas pessoas a fim de aumentar o grupo para seguirem ao encontro da Coluna Prestes, mas, dessa vez, não obteve êxito, o tenente tombou.

### 2.3 Assassinato de Cleto Campelo

Militares em posição hierárquica superior ao tenente Cleto Campelo, em represália aos comportamentos “ditos” destoantes com as normas do exército, colocaram-no para defender o Estado contra a Coluna Prestes. Contudo, a punição não se consolidou, e Cleto Campelo optou por uma deserção. Oficialmente foragido, passou a colaborar com a Coluna Prestes recebendo a incumbência de voltar à sua terra natal e formar um grupo de adeptos e simpatizantes para se juntar a referida Coluna. Destarte, Cleto voltou a Pernambuco na clandestinidade, sendo foguista de navio<sup>21</sup> até Maceió, e de lá para o Recife, como servente da estrada de ferro (Campello, 2004, p. 25). Chegando em sua terra natal, organizou - ainda que

<sup>21</sup> Como nesta época a maioria dos barcos/navios não tinha motor a diesel, o foguista era aquele que colocava carvão nas caldeiras a vapor, para assim conseguir energia suficiente para o deslocamento do navio. Uma função importante, mas, certamente, uma das mais desprezadas. <https://tokdehistoria.com.br/> Acessado em 05/08/2023.

de forma incipiente - um levante antigovernista, que tinha o objetivo, como já dito, de se encontrar com a Coluna que estava pelo interior do estado – e por Gravatá, antes apenas um caminho para seu esperado destino, tornando-se sua “estação final”.

A metáfora de estação final, remete ao tipo de transporte, sobretudo, ao destino de quem se desloca ou viaja, visto que Cleto embarcara de trem, na cidade de Jaboatão, rumo ao sertão onde encontraria integrantes da Coluna Prestes. Contudo, ao ingressar no agreste do estado, seus planos terminariam, pois foi assassinado em frente ao prédio da Cadeia Pública de Gravatá<sup>22</sup> - que foi construída no início do século XX, sendo uma das primeiras edificações de grande porte do município. Atualmente, funciona no referido espaço o Memorial de Gravatá, em parte, devido a projeção nacional do acontecimento ocorrido em fevereiro de 1926.

Figura nº 2 – Indicação do “tombo” do tenente



Foto da placa existente no canto inferior direito, ao lado da porta de entrada, no Memorial de Gravatá, antiga Cadeia Pública, com os dizeres “aqui tombou em 18-2-1926 Cleto Campello [...]”. Foto de Flávia Cristiane.

Escolhemos três periódicos: o *Diário de Pernambuco*, o *Jornal Pequeno* e o *Jornal do Recife*, para pesquisar as versões que circulavam na data do crime e, a partir delas, observar quais narrativas eram veiculadas aos seus leitores, visando situar a repercussão deste crime na imprensa pernambucana. Atentamos para o cuidado de conhecermos as nuances dos periódicos, uma vez que temos “a imprensa sob suspeição”, como é destacado pela autora

---

<sup>22</sup> Bem tombado como sendo patrimônio histórico: Cadeia Pública de Gravatá - Processo nº 0488; Ano: 1981; Século: XX; Logradouro: Rua Cleto Campello, nº 108, Centro; Propriedade: Pública Estadual; Proponente: Alberto Frederico Lins Caldas (UFPE); Abertura: 05/03/1981; Edital DOE: 05/06/1981 P.08; Resolução do CEPPC: 07/83 de 14/06/1983; Decreto: 8.699 de 27/07/1983; DOE: 28/07/1983 P. 04; Data: 04/08/1983; Livro: II, FL. 07 V E 08, Nº 75. Fonte: FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco.

Tânia Regina de Luca, que adverte que devemos analisar “a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos” (Luca, 2008, p. 140).

Começamos pelo decano *Diario de Pernambuco*, jornal mais antigo em circulação da América Latina, fundado em 1825<sup>23</sup>, que no ano de 1926 era situacionista em relação ao governo de Pernambuco<sup>24</sup>, tendo sob seu comando um oligarca ligado a agroindústria canavieira. No ano das bodas do centenário do *Diario de Pernambuco* (1925), diz o jornalista Luiz Nascimento que após relatar a vida do velho órgão, desde os tempos do seu fundador até chegar às mãos do Coronel Carlos Lyra, via-o como uma espécie de “voz do passado”, com o tradicionalismo comum em prol das elites, ou seja, pondo-se a serviço dos grandes proprietários de terra a sua voz secular. (Nascimento, 1968, p. 148).

A notícia veiculada no referido periódico no dia seguinte à morte do tenente Cleto Campelo (19/02/1926), na página 3, ao lado da coluna “Várias”, que era um pequeno editorial, escrito pelo seu diretor, Carlos Lyra Filho, como se fosse o “prato do dia”, e que relatava a notícia da morte, descrevia assim o evento: “O temerário levante de ontem, iniciado em Jaboatão, pelo ex-tenente Cleto Campello, terminou ontem mesmo em Gravatá com a morte desse ex-oficial e outros companheiros. As providências do Governo a bem da segurança pública”. (Diario de Pernambuco, 19/02/1926, p. 3). Inferimos pelo que foi escrito, que houve um enaltecimento do governo por debelar o movimento ao qual Cleto fazia parte.

Dando continuidade as publicações, reproduzimos o que foi noticiado pelo *Jornal Pequeno*, que em 1926 também possuía uma linha situacionista. Era chefiado por Thomé Gibson, de ascendência inglesa, membro da *elite intelectual* – Bacharel em Direito, professor universitário e político. No caso desse periódico, analisamos uma foto (figura nº 3) veiculada, sob o título: ‘A malograda aventura do ex-tenente Cleto Campelo’, que veio na primeira página do *Jornal Pequeno*. Percebemos que ele, através desta foto, quis mostrar aos leitores o insucesso da ação de Cleto Campelo, além desta perspectiva é possível também observar que, na verdade, ele quis premiar o governo, pela sua ação, dando-lhe como troféu, um combatente aniquilado, e da pior forma, dentro de um ataúde. Lembramos o que Boris Kossoy (2012, p. 124) mencionou sobre a intencionalidade do fotógrafo mediante o que o contratante pedia, podemos fazer um paralelo ente a figura nº 3 e a nº 4, respectivamente, dos cadáveres de

---

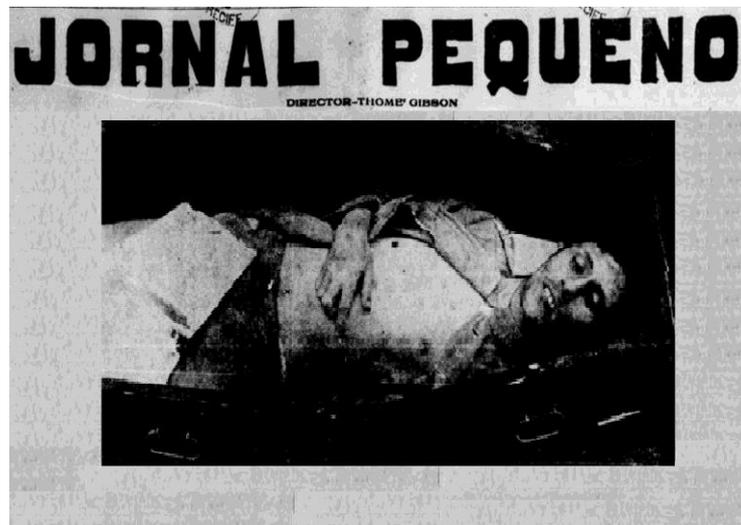
<sup>23</sup> [...] o *Diario de Pernambuco*, em circulação desde 7 de novembro de 1825 e que defendia as posições conservadoras, [...] (SODRÉ, 1999, p. 136).

<sup>24</sup> Pernambuco tinha como representante Sérgio Loreto (1867-1937).

Cleto Campelo e de Antônio Conselheiro, ambos contestadores das oligarquias republicanas, que morreram em combate e tiveram, provavelmente, os responsáveis pelas fotos tiveram um mesmo objetivo ao fotografarem: mostrar a face dura de um Estado que aniquila aquele que não compactua com ele, que se rebela.

Como constatamos, o assassinato de Cleto foi por meio de “fogo amigo”, diferentemente do que visualizamos nos periódicos pesquisados, que descreveu a força legal como responsável pela morte, como o autor da “façanha”, e assim, ficou imposto ao fotógrafo a mesma estética macabra da fotografia de Conselheiro: posição do rosto, mãos, boca, como para se afirmar no inconsciente coletivo o destino de quem resolvesse desobedecer ao sistema vigente.

Figura nº 3- Cadáver de Cleto Campelo



Fonte: Jornal Pequeno, 22/02/1926, p. 1 / Fotomontagem / Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

Figura nº 4 – Cadáver de Antônio Conselheiro (1897)



Fonte: Itaú cultural, 2023.

Encerrando a análise nos três periódicos, é possível verificar que *o Jornal do Recife*<sup>25</sup>, de 1926, diferentemente dos periódicos anteriormente analisados, era oposicionista. Nascimento (1968, p. 151) destaca que o referido Jornal foi oposição durante todo o governo de Sérgio Loreto, pelo seu então dirigente o Coronel Luiz Pereira de Oliveira Faria<sup>26</sup>.

Na matéria veiculada no respectivo periódico, na página 3, sob o título ‘Anormalidade’, a notícia procurou dar um tom de apuração dos fatos, sem abonar as decisões do governo, que através de seus representantes deram cabo da vida de Cleto Campelo, era o que se noticiava à época, sabemos que não foi bem assim, no entanto, os periódicos propagavam isso. Algo que contrasta diretamente com o Jornal Pequeno é a imagem, coube ao Jornal do Recife trazer a figura de um Cleto Campelo, ativo, fardado, de cabeça erguida, em demonstração de respeito, tanto pelo indivíduo, como pelos familiares e simpatizantes do Tenentismo. Vejamos a foto:

Figura nº 4- Notícia 2 Jornal do Recife



Fonte: Jornal do Recife, 20/02/1926, p. 3/Fotomontagem/Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

<sup>25</sup> Jornal do Recife – “Na edição de aniversário de 1 de janeiro de 1924, com 24 páginas e boa matéria de colaboração, modificou-se o cabeçalho, ficando o clichê do título, sempre em letra gótica, bem maior, de modo que os dizeres do Expediente, que lhe ficavam ao lado, foram transportados para um canto da segunda página, lendo-se nele: ‘Órgão de informações, noticioso e independente’” (Nascimento, 1966, p. 150).

<sup>26</sup> Sobre o Coronel Faria, pouco encontramos, contudo, percebemos que ele de credor do Jornal do Recife passou a dono: ‘O Coronel Luís Faria, pelo seu trabalho honrado, pelo seu tipo, pela sua lealdade, tendo sido cobrador desta folha, é hoje seu proprietário’ (Nascimento, 1966, p. 142).

No próximo tópico, demonstraremos o formato do nosso produto, que será um *e-book* ilustrado.

### **3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO**

O produto trata-se de *e-book* ilustrado, intitulado: “*O tomo do tenente*”, visando de maneira paradidática, colaborar com elementos que elucidem o assunto *tenentismo* presente nos livros didáticos. A tônica trazida por nós prezará em ampliar a conscientização entre a circularidade da história local, concomitante com aspectos nacionais/globais. Assim, estudantes poderão apreender como um levante antigovernista brasileiro teve suas articulações no cenário pernambucano, culminando com um desfecho no agreste, na cidade de Gravatá/PE, onde os estudantes, público-alvo do referido produto, exercem suas atividades escolares e cotidianas.

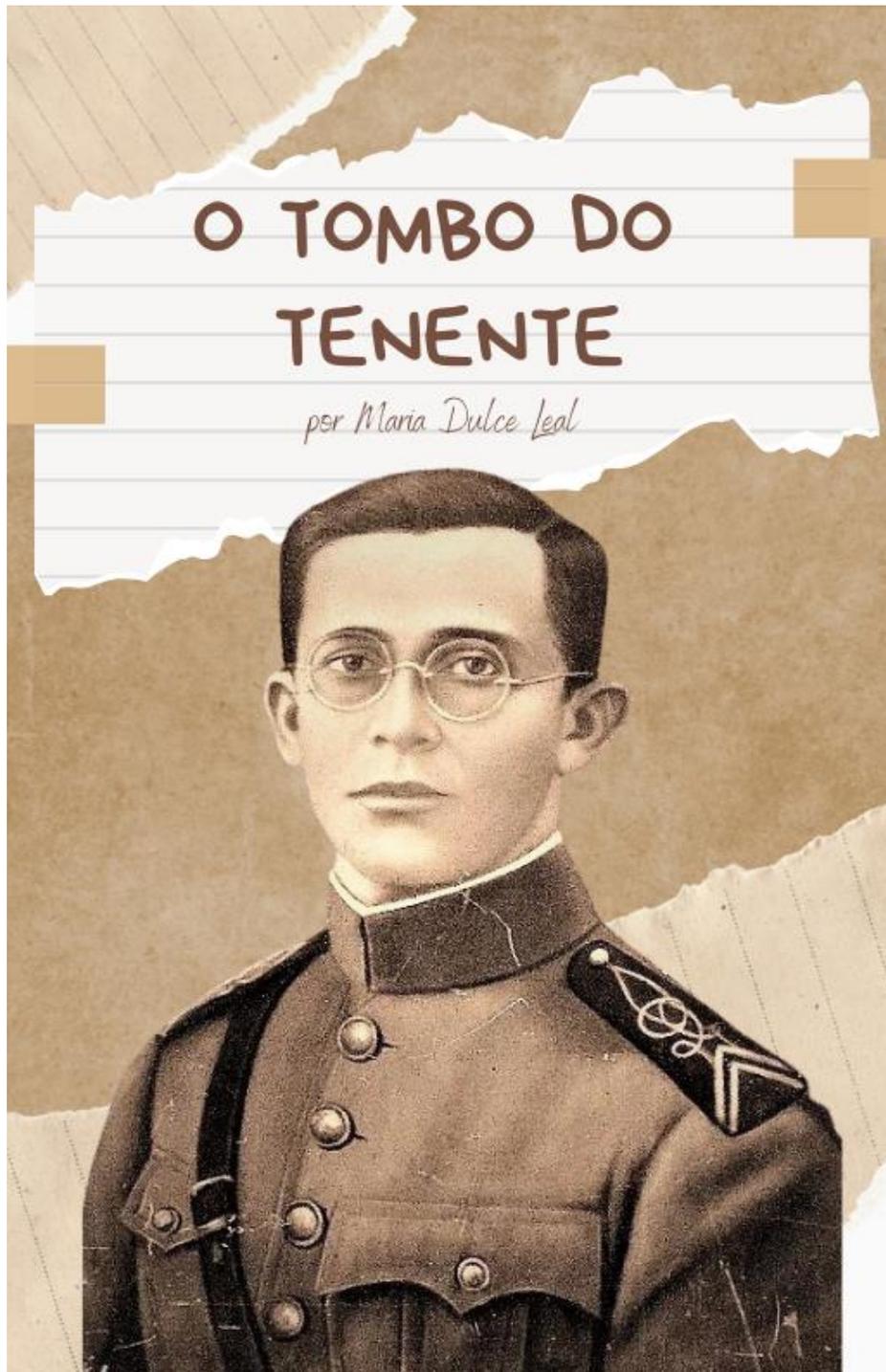
Em princípio, a primeira edição será disponibilizada em formato PDF, voltada, inicialmente, aos alunos do 9º ano do ensino fundamental das escolas municipais de Gravatá/PE, com uma linguagem adequada à faixa escolar e composta de elementos lúdicos, como fotografias e ilustrações. A escolha desse formato, deve-se à versatilidade a qual o arquivo permite ser lido (computador, tablet, celulares e afins), ademais, o PDF é compacto e totalmente pesquisável, de maneira que o usuário poderá utilizar-se de dispositivos relativamente simples para acessar o conteúdo - aqui prezamos pela ausência da necessidade de um alto padrão tecnológico nos aparelhos de suporte à leitura, visto que nosso público central serão estudantes da rede pública de ensino, logo com reduzidos recursos monetários.

### **4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO**

O produto, como já foi dito anteriormente, será um *e-book* ilustrado, em formato PDF, contendo, aproximadamente, 30 páginas, dividido em 03 (três) partes. A primeira, um estudo acerca do movimento tenentista; a segunda, preocupada em construir a trajetória do nosso personagem Cleto Campelo, apresentando seus vínculos familiares e de sociabilidade, e terceira e última parte, explanará a participação de Cleto no movimento tenentista, as causas que o levaram a se juntar ao referido movimento e concluirá sobre o crime em si, ocorrido na

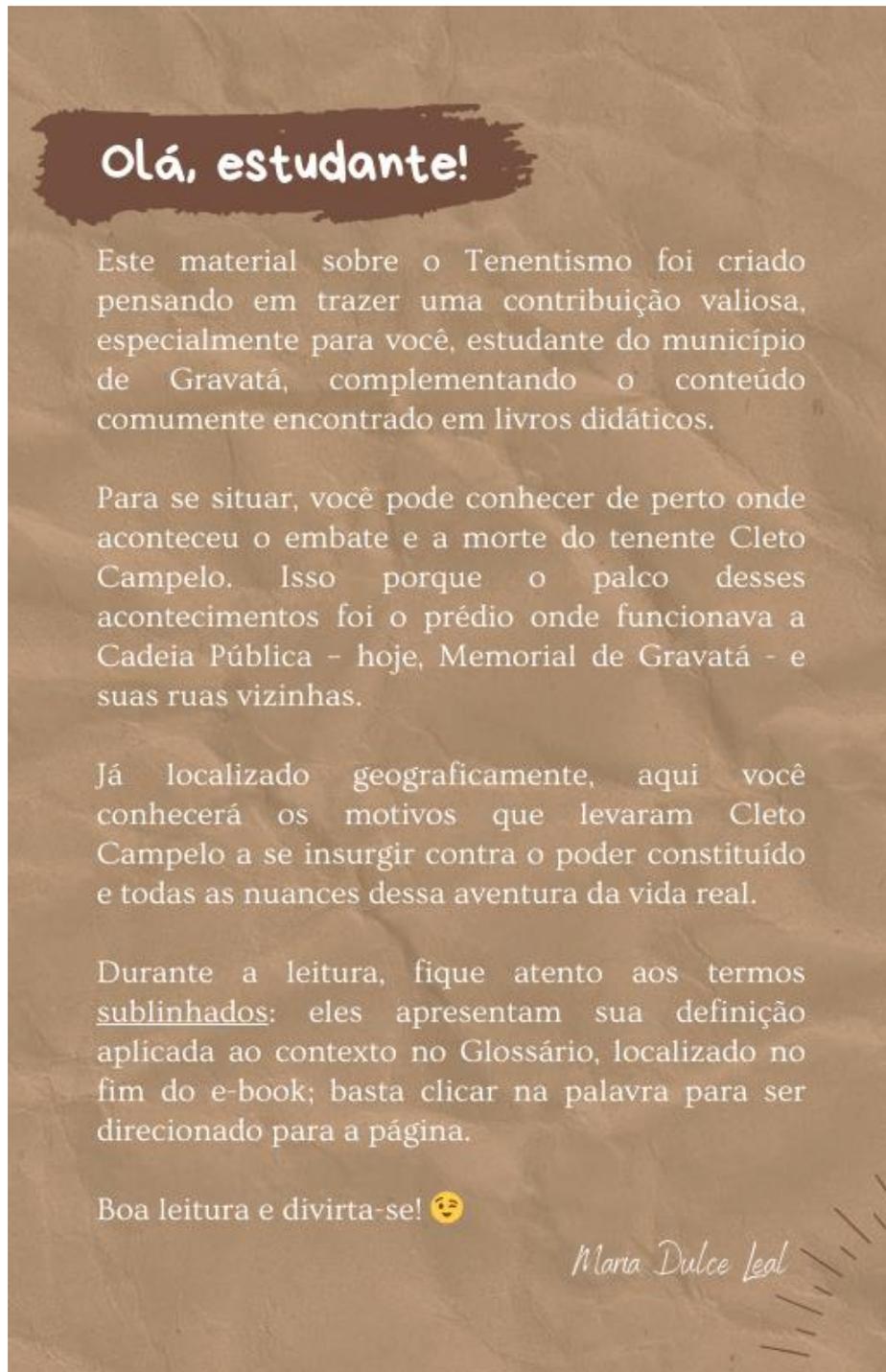
cidade de Gravatá/PE. Outrossim, ainda, como forma de ilustração, traremos uma linha do tempo, curiosidades e um glossário, tudo pensando na motivação e interesse do jovem estudante.

Figura nº 5 – Capa



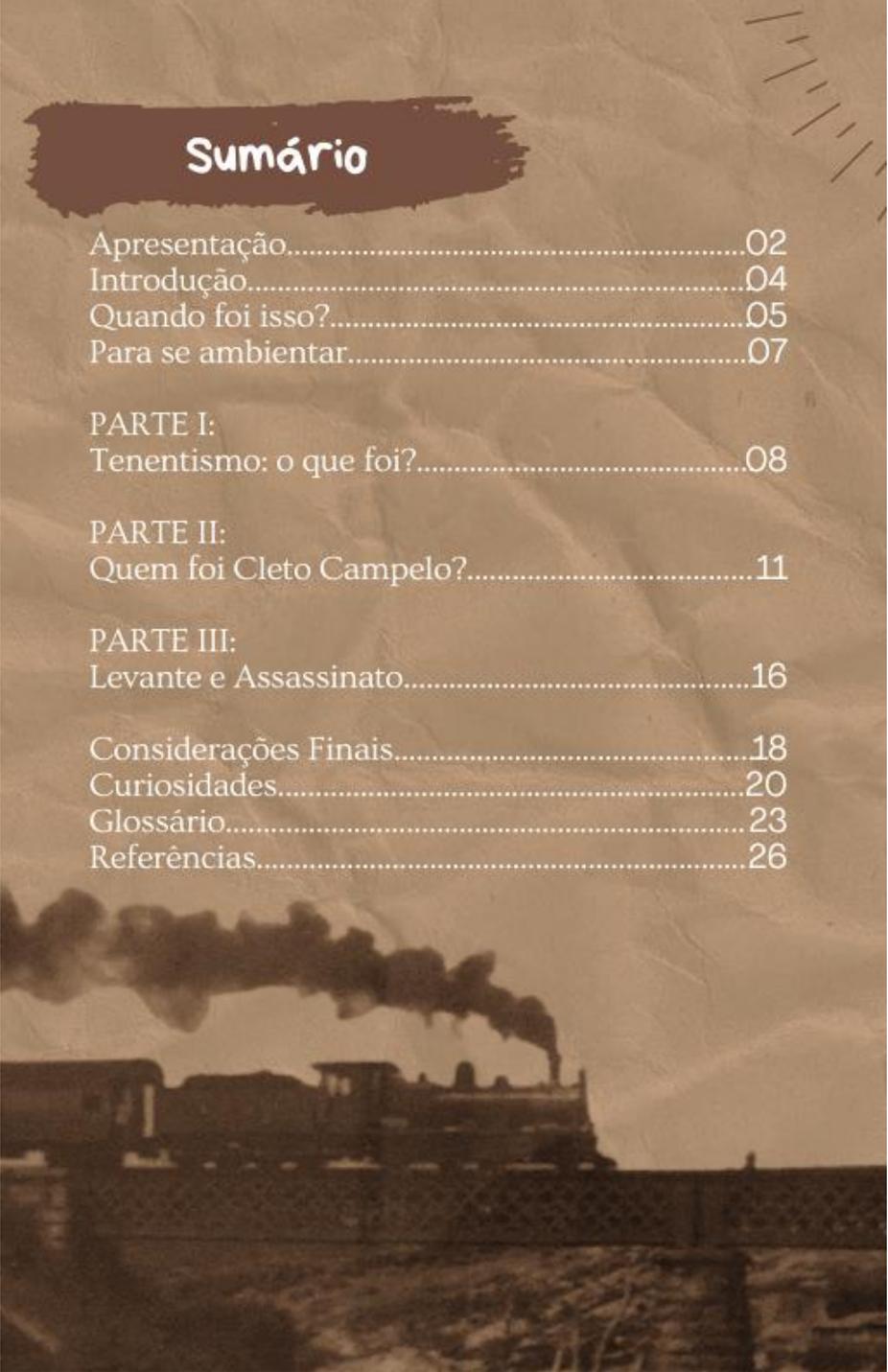
Fonte: acervo pessoal.

Figura nº 6 – Apresentação



Fonte: acervo pessoal.

Figura nº 7 – Sumário



<b>Sumário</b>	
Apresentação.....	02
Introdução.....	04
Quando foi isso?.....	05
Para se ambientar.....	07
PARTE I:	
Tenentismo: o que foi?.....	08
PARTE II:	
Quem foi Cleto Campelo?.....	11
PARTE III:	
Levante e Assassinato.....	16
Considerações Finais.....	18
Curiosidades.....	20
Glossário.....	23
Referências.....	26

Fonte: acervo pessoal.

Nas figuras nº 5, 6 e 7 procuramos exprimir o significado etimológico da palavra Gravatá (*caraváatã* - planta espinhosa, cortante, rija), procurando utilizá-la, enquanto, metáfora para tratar da dureza de se falar de um assassinato de um jovem. Por isso as cores sóbrias, em tons sépia. Contudo, pensando no público-alvo, que são, em maioria,

adolescentes, dinamizamos a aparência, suavizando-a com elementos juvenis como recortes de folha de caderno e adornos geométricos diversos.

## **5. APLICAÇÃO DO PRODUTO**

Na ausência ou superficialidade em que esse acontecimento histórico é mencionado em livros didáticos, inicialmente, disponibilizaremos nosso e-book para ser utilizado no 9º ano do ensino fundamental das escolas municipais de Gravatá/PE - assim, é interessante que haja um diálogo entre estudantes e professores(as) para melhor entendimento do conteúdo. Reiteramos que o orçamento para viabilização dessa empreitada será por nós custeado, como parte do desenvolvimento da nossa pesquisa, e que a circulação do material em formato PDF será gratuita entre a comunidade escolar. Posteriormente, poderá ser disponibilizada ao Memorial da cidade de Gravatá/PE, em formato impresso, seja para pesquisa, ou como um material que tematiza a partir das discussões que inter-relacionam história local, movimento tenentista e o ensino da história, desta forma, além dos elementos apresentados, este trabalho tem como objetivo despertar o interesse sobre nossa história, notadamente a partir da curiosidade inicial de se fazer conhecer a trajetória de Cleto Campelo, o personagem, que como já falamos anteriormente, denomina uma grande escola estadual: a Escola de Referência em Ensino Médio – EREM Cleto Campelo, frise-se que só passou a se chamar assim em 1930, bem como, a principal rua da cidade, e de outras cidades. Conforme pesquisa no *site* dos correios, existem inúmeras ruas pelas cidades do Brasil, e ainda o hino de Gravatá faz referência a Cleto Campelo como vulto da história.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este relatório trouxe facetas de nossa pesquisa sobre um estudo de caso, tendo como evento central a morte do tenente Cleto Campelo. Foi possível a partir da nossa investigação traçar um panorama do movimento tenentista no Brasil e como a sublevação de Cleto estava em contato direto tanto com outras agitações, como com a Coluna Prestes.

Entre as coisas mais importantes para as quais sinalizamos, temos as matérias de jornais, ora escritas pelo próprio Cleto Campelo, ora as que circularam na imprensa

noticiando os desdobramentos ocorridos devido à morte de Cleto Campelo. Inferimos, através de pequenos relatos, visto a vastidão das reportagens, traços de um declarado opositor ao regime que conseguiu ser noticiado com mais ênfase no Rio de Janeiro que em sua terra natal, tendo em vista que a grande maioria da imprensa local fazia coro ao regime, seja por ideologia, seja por financiamento dos periódicos através de publicidade.

Percebemos que, durante as buscas realizadas na hemeroteca digital, parte da biografia de Cleto e importantes proposições do movimento tenentista iam-se descortinando à nossa frente. Comparando com a historiografia tivemos uma noção de como o Tenentismo não tinha uma base homogênea, no entanto, apesar de levantar bandeiras quase sempre genéricas, como o combate à corrupção e às eleições fraudulentas, temos simpatia pelo movimento, e optamos por nos filiar aos pensamentos que levam a crer que os oficiais de baixa patente realizariam transformações sociais que englobariam a massa da população, até porque o movimento nasceu das classes médias urbanas, trazendo consigo não só as reivindicações da corporação, mas também de uma sociedade da qual eles, os tenentes, faziam parte.

Pudemos apreender como o ideário revolucionário se incorporou a vida do jovem Cleto, que mediante o compromisso com outros compatriotas, resolveu, mesmo em condições extremamente adversas, assumir o posto de comandante de uma expedição com pouquíssimos homens, e estes sem qualquer formação ou experiência bélica. De trem, partiu o comandante de Jaboatão, cortando algumas cidades durante o percurso, sendo sua última estação a de Gravatá. Tombou devido a uma estratégia apressada, sem contar com o ‘fogo amigo’.

Gravatá era apenas uma passagem para o comboio se encontrar com a Coluna Prestes, a vida de Cleto poderia ter sido tão longa quanto a do próprio Luiz Carlos Prestes, no entanto, o sangue derramado naquelas paragens parecia irmaná-los: em simbiose Cleto e Gravatá parecem ser sinônimos de representação de agente e palco de um acontecimento histórico, ímpar, no agreste pernambucano.

A meteórica vida deste tenente, sua luta e legado foram sendo narrados por nós a partir de muito suor, em exaustivas horas de localização de fontes, separação de conteúdo, vivências em campo e articulação de uma rede de “amigos” que foram desde familiares do tenente até moradores da cidade.

É importante ter em mente que personagens são frutos de uma época e precisam ser analisados em suas dinâmicas e contradições, buscamos, pois, o cruzamento de fontes, registramos, por exemplo, um equívoco encontrado na dissertação intitulada “Cleto Campelo”

de Alberto Frederico Lins Caldas (1978, p. 34), pois, o referido autor colocou os nomes dos avós paternos como sendo os dos genitores do tenente Cleto Campelo. Aqui, ressaltamos que Lins Caldas, uma das principais referências de nossa pesquisa, é para nós um cânone, contudo, como sabemos que até os cânones necessitam ser avaliados, fazemos essa ressalva como uma contribuição aos historiadores que tenham interesse em continuar com o estudo do tema.

Nessa questão, nos auxiliou o entendimento trazido por Carlo Ginzburg (1989), quando fala do paradigma indiciário: ao fazer uma varredura em notícias de jornais, percebemos a notícia fúnebre de uma senhora chamada Emília Campelo, que aparecia como esposa do Cleto (pai) e, conseqüentemente, como mãe do tenente Cleto, tal notícia era o indício de que algo estava dissonante, resolvemos tirar essa dúvida com uma descendente, ou seja, com a senhora Nalva Campelo, sobrinha do tenente, e ela nos enviou uma cópia do Registro Civil de Clóvis Campelo, irmão do tenente Cleto, cuja genitora era a mesma, e confirmamos que a versão do jornal estava correta.

Ainda, seguindo as recomendações trazidas por Ginzburg (2003), tentamos aclarar um certo mistério contido em uma placa indicativa do tombamento de Cleto, colocada no local de sua morte, evocando gratidão dos admiradores Pionio e Nuremberg. Quem seriam esses admiradores? Pesquisamos em diversos arquivos e nenhuma resposta objetiva. Até que pesquisando o termo Pionio fora do contexto de Gravatá, percebemos se tratar de um mártir católico, indício de que aquilo poderia ser um recado velado, misto de referência e pseudônimo. Em contato com um antigo morador de Gravatá, o Dr. Lamartine de Andrade Lima, médico, professor e fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Gravatá, que nos contou que seu genitor presenciou o embate envolvendo Cleto, aproximando-se do prédio da Cadeia Pública quando o tenente tombou, e que, provavelmente, Pionio e Nuremberg seriam, possivelmente, pseudônimos de companheiros de Cleto, e que devido a repressão governamental, à época, resolveram ocultar seus verdadeiros nomes. Assim, até onde pudemos apurar, essa versão nos parece sensata.

Dr. Lamartine ainda deixou claro que para ele o tenente é um herói, que deu a vida lutando por justiça e que trabalhos de cunho histórico como o nosso devem servir para reavivar a memória das novas gerações, rumo às solenidades do centenário da morte de Cleto que ocorrerá em 2026.

Corroboramos com esse anseio de elevar o nível dos debates desse iminente centenário, principalmente, no que tange incorporar junto aos estudantes da rede pública de

Gravatá, com prévia noção dos acontecimentos da década de 1920 e que reverberam até hoje, para que eles tenham elementos para opinar se Cleto Campelo foi um herói, como afirma o Dr. Lamartine ou o Souza Barros (1972, p. 23); mas que sobretudo saibam da importância que a sublevação de Cleto teve tanto para o movimento tenentista quanto para a história local e nacional.

## 7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_10/17013](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/17013). Acesso em 06 jul. 2022.

JORNAL PEQUENO. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800643/39732>.

Acesso em: 19 jul. 2022.

JORNAL DO RECIFE. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/96232>.

Acesso em: 21 jul. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAVATÁ. Disponível em:

<https://prefeituradegravata.pe.gov.br>. Acesso em: 29 jan. 2022.

## 8. BIBLIOGRAFIA

BARROS, Souza. **A década 20 em Pernambuco: uma interpretação**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1972.

BLOCH, Marc. **Apologia da História - o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BRENER, Jayme. **1935: a revolta vermelha**. São Paulo. Ática, 1994.

BUENO, Eduardo. **Brasil, uma história – Cinco séculos de um país em construção**. São Paulo: LeYa, 2020.

CAMPELLO, Clóvis da Costa. **Diário de um Agitador: Tempos idos**. Recife: FUNDARJ, Massangana, 2004.

CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi: da coluna Prestes à queda de Arraes: memórias políticas**. 4ª ed. Revista e ampliada. Recife, CEPE, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Movimento Tenentista**. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/MovimentoTenentista>. Acesso em: 31 jan. 2021.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Artur Bernardes**. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/artur-bernardes>. Acesso em: 05 nov. 2022.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **CAMPELO, Cleto [Verbete]**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/campelo-cleto>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Carlos Eduardo de Lima Castro**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira->

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Clube Militar**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CLUBE%20MILITAR%20red.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2022.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Deodoro da Fonseca**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Deodoro%20da.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como representação**. *Revista das revistas*. Estudos avançados, 1991. p. 173-191 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010). Acesso em: 30 jan. 2021.

CONDEPE/FIDEM - Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco -. *História dos municípios: Gravatá*. Recife, 2023. Disponível em: [http://www.condepefidem.pe.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?p\\_l\\_id=18393234&folderId=18394117&name=DLFE-89570.pdf](http://www.condepefidem.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=18393234&folderId=18394117&name=DLFE-89570.pdf)Acesso em 12 jan. 2023.

COUTO, Zenóbio. **Levante do Forte de Copacabana. 1922**. 1 fotografia. Disponível em: <http://gabinetedehistoria.blogspot.com>. Acesso em 10 abr. 2022.

CUNHA, Leonardo Carneiro da. **O Tenentismo**. *Revista Clio*, v. 3, n. 1 (1980). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24659/19933>. Acesso: 29 jan. 2021.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo. Edusp, 2009.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. **Movimento Tenentista: um debate historiográfico**. *Revista espaço acadêmico*. N.108. 2010, pp.127-133.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. Tradução: Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. **A organização burocrática do Exército na exclusão do Tenentismo**. *Revista de Administração de Empresas*. Jun/1983. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262714790\\_A\\_organizacao\\_burocratica\\_do\\_Exercito\\_na\\_exclusao\\_do\\_Tenentismo](https://www.researchgate.net/publication/262714790_A_organizacao_burocratica_do_Exercito_na_exclusao_do_Tenentismo). Acesso em 10/05/2022. Acesso em: 12 mai. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO. **Gravatá**. Recife: 1982. 66 p. (Monografias Municipais, 8).

- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- LINS, Alberto Frederico Lins. **Cleto Campelo- um drama republicano- 1926.** Dissertação em mestrado em História. UFPE, Recife, 1978.
- LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.
- MANDELA, Nelson. **Conversas que tive comigo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **A Caserna em Polvorosa: A Revolta de 1924 em Sergipe.** Dissertação em mestrado em História. UFPE, Recife, 2008.
- NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo.** São Paulo: Contexto, 2021.
- NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954).** Vol. II - Diários do Recife – 1829/1900. Recife: Imprensa Universitária - UFPE, 1966.
- NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954).** Vol. III - Diários do Recife – 1901/1954. Recife: Imprensa Universitária - UFPE, 1967.
- NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954).** Vol. I - Diário de Pernambuco. Recife: Imprensa Universitária - UFPE, 1968.
- NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares.** Projeto história. São Paulo: n 10, dez. 1993, p. 7-27 Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso: 30 jan. 2021.
- PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro.** São Paulo: Boitempo, 2015.
- PRESTES, Anita Leocádia. **Os militares e a reação republicana: as origens do Tenentismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- RAGO, MARGARETH. **Programa Café Filosófico - Foucault a filosofia como modo de vida.** 2019. 1 vídeo (48 min 08 s). Publicado pelo canal Café Filosófico CPFL. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jw6zuBIocII&ab\\_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL](https://www.youtube.com/watch?v=jw6zuBIocII&ab_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL). Acesso em: 26/03/2022.
- REZENDE, Antonio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX.** Recife: FUNDARPE, 1997.
- REZENDE, Antonio Paulo. **Uma trama revolucionária? Do Tenentismo à Revolução de 1930.** São Paulo: Atual, 1990.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SOBRAL, Socorro. **Valorização cultural, histórica e geográfica: Gravata - Pernambuco, tu és bela e gentil.** Igarassu: Editora Trato, 2022.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

## 9. ANEXOS

- Certidão de nascimento de Clovis da Costa Campello, irmão do tenente Cleto Campello.

República dos Estados Unidos do Brasil

REGISTRO CIVIL

ESTADO D.º Pernambuco

Município de Recife

N.º 129

Distrito Afogados de Zona

**CERTIDÃO DE NASCIMENTO**

Nuno Guedes Pereira Sobrinho, oficial do Registro Civil, em virtude da lei, etc,

N.º 129 FLS. 1558

CERTIFICO que no livro N.º 18 de assentamentos de nascimentos, foi feito no dia onze do mês de Agosto do ano de 1918 o registro de Clovis da Costa Campello, do sexo masculino de cor nascido no dia onze de Agosto do ano de mil novecentos e doze às 1 horas e 10 minutos, à rua do Rosário, Torres, nesta cidade, filho legítimo de Cleto da Costa Campello e dona Emilia Olympia de Souza Campello, ambos pernambucanos, casados civilmente nesta cidade, são avós paternos Cleto da Costa Campello e dona Maria Olympia Barretto Campello, falecidos avós maternos Doutor Antonio Justino de Souza e dona Emilia Pereira Pinto de Souza - foi declarante o genitor, Testemunhas: Oscar Leonardo Pereira.

O referido é verdade e dou fé.

Observações:

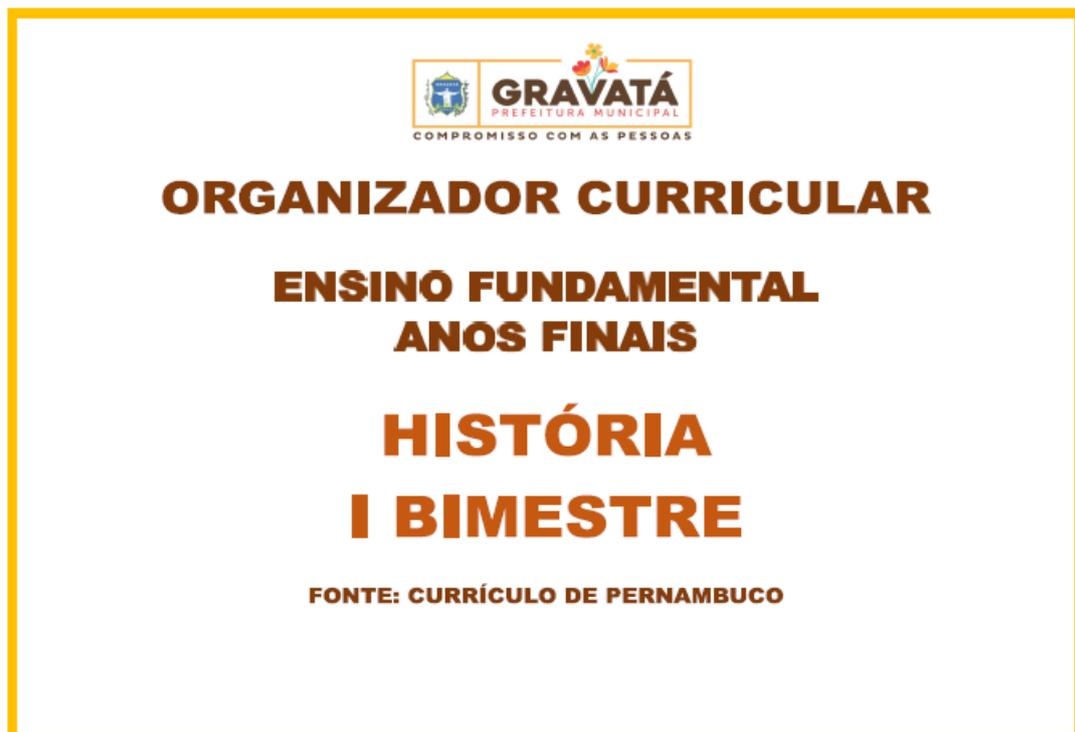
Recife, 23 de Outubro de 1918

JOÃO ROMÃO  
Firma no Tabelião  
Isento de selo - Recife

MOD. 111

OFICIAL DO REGISTRO CIVIL

- Parte do currículo do Ensino Fundamental anos finais das Escolas municipais de Gravatá/PE.



9º ANO			
Unidades Temáticas	Objeto de Conhecimento	Conteúdos	Habilidades
<b>O NASCIMENTO DA REPÚBLICA NO BRASIL E OS PROCESSOS HISTÓRICOS ATÉ A METADE DO SÉCULO XX</b>	Experiências republicanas e práticas autoritárias: as tensões e disputas do mundo contemporâneo  A proclamação da República e seus primeiros desdobramentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>A emergência da república no Brasil: mudanças políticas, sociais e culturais</li> <li>A república e a refundação do Estado no Brasil: a reconstrução da identidade nacional</li> </ul>	<p><b>(EF09HI01PE)</b> Analisar o processo de transição do império para a república e seus desdobramentos políticos, econômicos, sociais e culturais para a sociedade brasileira do final do século XIX e início do XX;</p> <p><b>(EF09HI02PE)</b> Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil, com destaque para o movimento abolicionista, e relacioná-las com as tensões e disputas do mundo moderno no alvorecer do século XX.</p> <p><b>(EF09HI03PE)</b> Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, considerando as mudanças e permanências nos contextos político, econômico, social e cultural a nível local, regional e nacional, dando ênfase às revoltas e aos movimentos sociais ocorridos durante a República Velha.</p>
	A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição  Os movimentos sociais e a imprensa negra: a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações	<ul style="list-style-type: none"> <li>Os negros no pós-abolição: lutas, resistências e práticas culturais</li> <li>Movimentos sociais e de negros na República: as práticas culturais como resistência política</li> </ul>	<p><b>(EF09HI04PE)</b> Identificar os mecanismos de inserção da sociedade brasileira no pós-abolição e avaliar os seus resultados, reconhecendo, analisando e valorizando a participação dos povos africanos e dos afro-brasileiros nesse processo, em sua diversidade sociocultural, nos vários períodos da história local, regional e nacional.</p> <p><b>(EF09HI05PE)</b> Identificar e discutir a importância dos movimentos sociais e o papel da imprensa "negra" na construção da sociedade brasileira pós-abolição.</p>

			<b>(EF09HI06PE)</b> Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil, procurando analisar os processos de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais na sociedade brasileira que visam erradicar formas de exclusão social em nível local, regional e nacional.
	Primeira República e suas características  A emergência da vida urbana e a segregação Espacial	<ul style="list-style-type: none"> <li>Primeira República e as transformações na vida urbana</li> </ul>	<p><b>(EF09HI07PE)</b> Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais no país e na região em que vive;</p> <p><b>(EF09HI08PE)</b> Discutir as dinâmicas culturais da belle époque e a emergência de movimentos culturais como a Semana de Arte Moderna de 1922 e o Movimento Regionalista e Tradicionista e seus desdobramentos para a construção de uma identidade nacional.</p>
	O período varguista e suas contradições  O trabalhismo e seu protagonismo político	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Era Vargas</li> <li>O Trabalhismo</li> <li>A era do rádio</li> <li>A política econômica</li> <li>A industrialização do Brasil</li> </ul>	<p><b>(EF09HI09PE)</b> Compreender e discutir a eclosão da chamada "revolução de 1930" para o estabelecimento do varguismo, procurando apontar para as transformações e tensões políticas, sociais, culturais e econômicas do período varguista;</p> <p><b>(EF09HI10PE)</b> Identificar e discutir o papel do trabalhismo como força política, social e cultural no Brasil em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade), discutindo as relações sociais e de poder em torno da questão do trabalho observando permanências e mudanças e os processos históricos e movimentos sociais que as desencadearam ao longo do período varguista.</p>

- Jornal confeccionado por um estudante da Escola Cleto Campelo, no ano de 1996.

## Origem da Escola Cleto Campelo

No dia 02 de janeiro de 1925, através do ato 45, o prefeito Rodolfo de Moraes inaugurou o "Grupo Escolar Paz e Trabalho", que deu grande impulso ao ensino primário na cidade de Gravatá.

A partir de 16 de julho de 1927 passou a ter o nome de "Barbosa Lima" e, em 1930 tomou o nome de "Tenente Cleto Campelo" em homenagem ao herói revolucionário que tombou sem vida em frente à Cadeia local (hoje "Casa da Cultura"), no ano de 1926. Esta escola, a partir da década seguinte, até hoje, passou a chamar-se "Cleto Campelo".

Seu primeiro diretor foi João Ribeiro de Vasconcelos (01.02.1925), em seguida vieram os demais: Pedro de Oliveira e Silva (01.02.26 a 30.11.28); Maria José de Oliveira Lira (01.02.29 a 09.02.53); Brunilde de Alencar Castelo Branco; Maria Yolita Tenório Gonçalves; Heleuzina Bezerra da Silva; Lídia Gomes da Silva, Maria Auxiliadora Salgado Benning; Josinaldo Pires da Silva; Orlene Rosale do Nascimento; Arleide dos Santos Silva (atual).

Foram seus primeiros professores: João Ribeiro de Vasconcelos (diretor), Joana Batista Gomes da Silva, Maria José de Oliveira Lira, Antônia Basília Baudorix, Pedro de Oliveira e

Silva, Maura Barbosa da Silva, Alice Torres de Carvalho Barros, Angélica Cavalcanti Pais.

### *Hino da Escola Cleto Campelo*

Música: Manuel Pereira

Letra: Aliete Pereira (prof. da escola).

*Valorosa mocidade  
Que de cultura se reveste  
Futuro de Gravatá  
Esperança do nordeste.*

*Infância e juventude  
Avante para a vitória  
Honremos Cleto Campelo  
O mártir da nossa história*

*Sempre atentos aos estudos  
Até vencer nós lutaremos  
Alegrando nossos pais  
Com certeza venceremos  
Gravatá, 24 de outubro de 1996*

**Aluno: José Marcondes de Medeiros - 1º ano (2º grau)  
Turma "C". Est. Gerais**

**Receberá troféu  
da Gazeta na  
escola no mês de  
novembro**

